

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

VICTÓRIA BASTOS FERREIRA MANTILHA

**REVOLTA, DOR E MELANCOLIA – A ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES EM
ANÁLISE AO DESAPARECIMENTO DE SI E A MORTE VOLUNTÁRIA**

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
VICTÓRIA BASTOS FERREIRA MANTILHA

**REVOLTA, DOR E MELANCOLIA – A ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES EM
ANÁLISE AO DESAPARECIMENTO DE SI E A MORTE VOLUNTÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Cauê Fernandes Nunes

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

301.2
M292r

Mantilha, Victoria Bastos Ferreira

Revolta, dor e melancolia: a antropologia das emoções em análise ao desaparecimento de si e a morte voluntária / Victoria Bastos Ferreira Mantilha. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

69 f.: il.

Orientador: Cauê Fernandes Nunes.

TCC (Bacharelado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Antropologia. 2. Emoções. 3. Suicídio. I. Nunes, Cauê Fernandes. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Faculdade de Ciências Sociais. III. Título.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
VICTÓRIA BASTOS FERREIRA MANTILHA**

**REVOLTA, DOR E MELANCOLIA – A ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES EM
ANÁLISE AO DESAPARECIMENTO DE SI E A MORTE VOLUNTÁRIA**

Dissertação defendida e aprovada em 25
de Novembro de 2022 pela comissão
examinadora:

Prof. Dr. Cauê Fernandes Nunes

Orientador e presidente da comissão
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

CAMPINAS

2022

Dedico a minha avó materna, Lylah Bastos Ferreira. Em razão de sua bruta partida e pelos efeitos que o luto gerou em mim em um período do qual a vida exige amadurecimento. A famosa frase de Sêneca: “Vivamus Moriendum est” me traz a tranquilidade em crer que, mesmo com a morte, as vivências são eternas e o amor nunca padece.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Rachel Bastos Ferreira,

Por todo o cuidado, atenção, dedicação, acolhimento e amor com que sempre teve comigo. Por cada palavra de motivação, ajuda diante às minhas dificuldades e suplicas divinas por paz aos meus pensamentos caóticos. Sobretudo, por estar abraçada comigo em todas as fases da vida e acompanhar meus processos de desenvolvimento até mesmo quando eu própria duvidava de mim.

Ao meu pai, Miguel Correa Mantilha Filho,

Por nosso entendimento. Por ambos escolherem a compreensão, o perdão, o carinho e a amizade. Peço que ao ler as páginas seguintes ouça “Ebb Tide”, de Frank Chacksfield e se recorde sempre que o ano de 2022 foi muito simbólico para nós.

Ao meu companheiro de vida, Antonio Ziole Neto,

Agradeço a todos os momentos que tivemos que passar, estamos passando e ainda iremos passar: os momentos de desconstrução e construção. Com você tenho as gargalhadas mais sinceras e a certeza de que tudo sempre fica bem. Obrigada por sermos nós em todas as fases que a existência nos impõe. Agradeço por seu incentivo e apoio de sempre.

Ao Prof. Dr. Cauê Fernandes Nunes,

Meu orientador. O admiro por toda a serenidade, didática e tranquilidade que tem. Devo meu agradecimento desde nossa conversa mais importante: quando no segundo ano de faculdade já dava indícios em elaborar o trabalho de conclusão de curso voltado para a Antropologia. Se não fossem nossas conversas a respeito de David Le Breton e a Antropologia das Emoções, talvez essa pesquisa nunca tivesse existido.

À Profa. Dra. Camilla Marcondes Massaro,

Agradeço a professora pela influência, dentro do mundo acadêmico, em me cultivar o senso de responsabilidade, organização, consciência e coesão diante à pesquisa e a docência.

À Profa. Dra. Stela Cristina de Godoi,

Por todas as aulas que, através de sua voz aveludada, despertou a chama da revolução nas mentes e corações de cada aluna e cada aluno. Agradeço, ainda, pela confiança prestada a mim em motivo das oportunidades em que me colocou.

À Profa. Dra. Katia Mika Nishimura,

Pelo carinho de sempre que compartilhamos uma com a outra. Agradeço às hierarquias da faculdade por tê-la colocado no meu caminho e compartilhar ao seu lado as risadas mais honestas e catárticas que o Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CCHSA) já ouviu. Sua contribuição foi e é enorme para mim, me deixando leve diante os momentos de tensão que a Universidade e o mundo, por vezes, nos colocam.

À Profa. Dra. Ana Paula Fraga Bolfe,

Por todo comprometimento e disponibilidade que sempre prestou a mim na faculdade, diante minhas demandas e motivações. Agradeço, sobretudo, em ensinar que a educação é e pode ser libertária; que a prática emancipatória não é um fim absoluto, mas sim um meio de possibilidades.

Ao Prof. Me. Arnaldo Lemos Filho,

Grande professor Arnaldo, saudosista no coração de muitos alunos e muitas alunas. Obrigada por, no primeiro ano de faculdade, dizer as seguintes palavras:

“Se, durante um período de quatro anos ou mais na faculdade, vocês não mudarem em nada, é porque há algo de errado. Ninguém sai o mesmo quando põe os pés na graduação”. Uma frase simples, mas de uma profundidade atroz. Certamente passei por altos e baixos na minha graduação e não posso e não quero me considerar um produto bruto, “finalizado”. Afinal, as Ciências Humanas me mostram que somos constantes. As aulas do professor Arnaldo e sua amizade sempre preencheram minha alma.

Ao Prof. Dr. Vitor Barletta Machado,

Agradeço pelas oportunidades que me disponibilizou durante meu período de formação e as conversas descontraídas e com criticidade que sempre colocou em suas aulas.

À Sra. Regina Angelini,

Minha professora de Geografia do Ensino Médio. Agradeço por tudo que já aprendi com você para além da disciplina de Geografia. Agradeço por se mostrar uma professora solícita, mesmo em uma fase da vida que, para mim, fora difícil. Sobretudo, agradeço por ter despertado em mim a consciência crítica e política diante da vida.

À Sra. Rosângela Gonçalves,

Minha professora de Sociologia do terceiro ano do Ensino Médio. Agradeço, da mesma forma, por ter despertado em mim o estranhamento como algo impulsionador diante às desigualdades de raça, classe e gênero.

À Sra. Ana Lúcia Nicoletti,

Minha professora de Português e Redação. Agradeço por me mostrar que, para mim, a escrita é o meu lugar de fuga e de liberdade. Por nossa longa amizade,

mesmo com o passar dos anos, ser cada vez mais forte. Você é essencial dentro das minhas memórias afetivas.

À Sra. Ana Paula Dante Baldijão,

Minha coordenadora do Ensino Médio. Agradeço por aguentar minha emotividade ao longo dos nossos três anos mais expressivos de convívio e, pelo fato de se mostrar pronta em me ajudar frente às problemáticas que pudessem surgir.

Ao Sr. Aldo Mendes Filho,

Meu professor de Sociologia no primeiro e segundo ano do Ensino Médio. O agradeço por se mostrar amigo e acompanhar minha trajetória de crescimento quando eu lhe perguntava sobre cada por que da disciplina e para além dela.

Ao meu grande amigo de faculdade, Evandro Henrique da Silva,

Nossa amizade é muito importante para mim. Agradeço por estar comigo nos maus e bons momentos dentro desses quatro anos, por me ajudar diante às técnicas que um bom trabalho acadêmico exige e por se mostrar ombro amigo aos meus desabafos.

“O primeiro dever do homem é aprender a suportar a vida”

Sigmund Freud

(1856-1939)

RESUMO

O tema do presente trabalho articula a Antropologia, área das Ciências Sociais, sobre três segmentos principais: Antropologia do Corpo, Antropologia das Emoções e Sentidos e Antropologia da Dor, sendo esta última destacada com enfoque à dor emocional. Tem como objetivo mostrar, através do meio cultural, como as sociedades caminham para a conscientização da problemática relacionada aos distúrbios mentais, aos comportamentos de risco e a morte voluntária. E, para além, evidenciar o espectro cultural dentro do recorte de gênero, raça e classe e suas relações, principalmente no Ocidente. Com auxílio de materiais bibliográficos e dados empíricos, a relevância da pesquisa caminha para elucidar se o modelo de sociedade vigente, através de padrões históricos hierárquicos e usurpadores (amalgamado em influências europeias), garante o pleno direito à vida: em sua subsistência e dignidade. Assim, a apresentação de dados permite refletir sobre respostas possíveis em reverter o cenário da morte voluntária e como a Antropologia se faz importante para compreender o corpo, a mente e as emoções em sociedades distintas através de sua própria metodologia e abordagem.

Palavras-chave: Antropologia, Emoções, Suicídio

ABSTRACT

The theme of the present work articulates Anthropology, an area of the Social Sciences on three main segments: Anthropology of the Body, Anthropology of Emotions and Senses, and Anthropology of Pain, the latter being highlighted with a focus on emotional pain. It aims to show, through the cultural environment, how societies move towards awareness of the problems related to mental disorders, risk behaviors, and voluntary death. And, furthermore, to evidence the cultural spectrum within the clipping of gender, race, and class and their relations, mainly in the West. With the help of bibliographic materials and empirical data, the relevance of this research walks to elucidate if the current model of society, through hierarchical and usurping historical patterns (amalgamated in European influences), guarantees the full right to life: in its subsistence and dignity. Thus, the presentation of data allows us to reflect on possible answers in reversing the scenario of voluntary death and how Anthropology is important to understand the body, the mind and the emotions in distinct societies through its own methodology and approach.

Keywords: Anthropology, Emotions, Suicide

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivos Gerais.....	15
2.2 Objetivos Específicos.....	15
3 CAPÍTULO I – Antropologia do corpo.....	16
3.1 O Corpo como Rascunho – A produção farmacológica de si e as respostas do <i>Alter Ego</i>	16
3.2 O tempo na contramão da impressão pessoal.....	22
4 CAPÍTULO II - Indigestão emocional: Revolta, dor e melancolia.....	25
4.1 Dor como princípio de ação.....	25
4.2 Emoções e Sentidos – Espaços e suas influências simbólicas.....	29
4.3 Desaparecer de si – Uma tentação.....	34
4.4 Branco.....	39
5 CAPÍTULO III - Suicídio – Desespero ou honra? Uma questão de ética e alteridade.....	41
5.1 A escolha do fim concreto – Um sintoma social.....	41
5.2 O suicídio de Cleópatra – Uma análise sobre gênero e prestígio social na antiguidade e suas influências na era moderna.....	49
5.3 Infância, adolescência e velhice - A persistência do suicídio como um fator comum: A cultura como tapete às desigualdades de gênero, raça e classe.....	51
6 CONCLUSÃO.....	64

INTRODUÇÃO

A Antropologia é uma área das Ciências Sociais que pretende estudar e investigar os comportamentos humanos através de seu desenvolvimento físico, biológico, cultural, linguístico e simbólico-religioso. Partindo disso, com as contribuições de estudiosos da área, com passar das décadas a Antropologia pôde descortinar-se como uma ciência democrática, abstendo-se de sua origem etnocêntrica e elitizada.

A presente pesquisa atua no campo da Antropologia, articulando três eixos básicos para estudo do problema de pesquisa. São elas: Antropologia do Corpo, Antropologia da Dor e Antropologia das Emoções e Sentidos. Através do autor primordial, David Le Breton, com formação em Antropologia, Sociologia e Psicologia, a intenção do trabalho é alcançar o entendimento de que: sendo o corpo um objeto de canalizações simbólicas, referentes aos meios culturais, as emoções são respostas à pluralidade de eventos em experiência que atingem o sujeito e seu corpo objetal. Tais experiências caracterizam-se pelo entendimento, culturalmente, do que pode-se compreender como benéfico ou maléfico. Os comportamentos de risco, escopo primordial da análise de Breton, caracterizam-se por uma padronização de vivências que põem em risco a vida de homens e mulheres; jovens, adultos e idosos na sociedade Ocidental. Neste sentido, compreender que os comportamentos de risco colocam em crise a própria vida humana, identificar os fatores emocionais provocados pela dinâmica cultural moderna se torna instrumento crucial da investigação. Explicar, à luz de Breton, o que o fenômeno de “brancura” e o “desaparecer de si” são e como os mesmos estão amalgamados na dinâmica das sociedades é o que leva a noção dos desajustes e desigualdades presentes dentro das estruturas de poder e modelos sociais. Em razão disso, o auxílio a outros autores que também abordem sobre as emoções e esse estado de adoecimento emocional no corpo-sujeito se faz absolutamente necessário.

A partir da compreensão de que o corpo físico, em pleno estado de consciência, escreve e reformula informações através de suas percepções sensoriais (BRETON, 2016, P. 29), prosseguir analisando o fenômeno do suicídio como um fato social comum a diferentes sociedades, encaminha a pesquisa para a problematização da dinâmica cultural, política e social na atualidade. Com a intervenção de dados sobre suicídio e distúrbios mentais, em apoio ao referencial bibliográfico, a pergunta a ser

respondida refere-se à vida como um direito humano. Ou seja, o que os números de suicídio, principalmente no Brasil, revelam sobre o país? Em se tratando de gênero, raça e classe social, como a interseccionalidade pode demonstrar as desigualdades existentes rumo ao fim concreto? Ainda, o acesso a condições essenciais para a dignidade humana é um fato a ser considerado, já que expressa o bem-estar individual manifestado no coletivo. Assim, considera-se em analisar o Brasil e seus índices de adoecimento emocional culminando à morte voluntária, em detrimento da ausência de políticas afirmativas para tais condições de vida digna. Com a metodologia bibliográfica exploratória, juntamente aos dados coletados, é possível a reflexão e reverberação para a academia e toda a comunidade social sobre a problemática dos desequilíbrios emocionais existentes diante a estrutura política em que o país insere-se.

A escolha pelo tema de pesquisa tem origem antes mesmo da graduação. Aliada a motivos pessoais, em contato com as Ciências Sociais, a Antropologia se mostrou e se mostra uma janela de possibilidades para o entendimento sobre o ser humano e sua complexidade. Em razão disso, em contato a investigação de diferentes sociedades e suas características, estudar as emoções sobre o escopo da Antropologia se mostra um exercício de grande responsabilidade, exigindo domínio e profundidade sobre o leque de assuntos que podem revelar-se durante tais estudos e pesquisas. Na esfera da Antropologia da Saúde e da Antropologia da Criança, áreas também de grande relevância; as emoções, os sentidos, os simbolismos e a corporeidade como um todo se fazem essenciais para contribuir de forma enriquecedora a abordagens referentes ao indivíduo, em sua carga de valores significantes a relacionamentos e seus respectivos comportamentos.

Ainda, dialogar a Antropologia junto à Psicanálise não é um trabalho inovador. Sigmund Freud, pai da Psicanálise, mostrara que desde o século XIX a Antropologia tem papel de grande destaque para análises profundas dessa ciência. A Psicanálise apresenta-se como uma constante investigação analítica dos processos psíquicos que enfrenta cada sujeito, a Antropologia seria a forma de aludir uma consciência crítica sobre os padrões de comportamento passados de geração a geração em diferentes culturas. O trabalho da Antropologia, em síntese, contribui para tais análises e regressões percorridas, através do tempo, por Freud. Sem contar que, o

trabalho contínuo de outros autores, na atualidade, leva as duas áreas a se amigarem e contribuírem constantemente.

Nisso, partir da premissa de que a Antropologia das Emoções pode trabalhar junto à psicanálise é condição *sine qua non* para que a presente pesquisa seja enriquecedora e transparente. Sem, obstante, largar da própria metodologia. Afinal, o autor base do trabalho, David Le Breton, vale-se constantemente das análises de Freud para desembaralhar o emaranhado de pensamentos que insuflam as sensações e emoções presentes nas crises de depressão, ansiedade e suicídio. Entender que a Antropologia, mesmo sendo uma ciência própria, pode e deve estar em apoio a outras áreas do conhecimento, principalmente no que se refere a problemas de grandes dimensões; que interfiram dentro da dinâmica e organização pública, é caminhar pensando em alternativas em conjunto para a dissolução ou, se não, minimização de quadros estruturalmente desiguais.

Por fim, destacar a contribuição da pesquisa para uma área que indaga ao autoconhecimento é, em si, estudar os fenômenos e também, de forma condizente e inquietante, estudar a si mesmo. Em consciência ao papel das Ciências Humanas: o de levar a crítica, a problematização e o questionamento, o trabalho não poderia ter outra conotação. É saber que, mesmo o mundo sendo um lugar que caleja e por vezes faz pestanejar, o conhecimento é aquela “estrada de fazer o sonho acontecer”, conforme a composição de Lô e Márcio Borges (BORGES; BORGES, 2002). Essa é a poesia da pesquisa que, mesmo ao tratar um assunto denso e sério, leva a provocar aquela potência revolucionária presente dentro de cada espírito: a consciência de si no mundo e a dialética do mundo dentro de si. Para quem sabe, enfim, entender que ao ter emoções, ao sentir e ao reconhecer a diversidade de sentimentos se está fazendo uma coisa: vivendo. E talvez isso possa fazer mudar muita coisa.

OBJETIVOS GERAIS:

Tratar do corpo como um objeto e da corporeidade como um contínuo de processos correntes de simbolismos presente dentro das relações, evidenciando os eventos culturais e sociais existentes e seus efeitos para com esse objeto-corpo. Com isso, dialogar a Antropologia das Emoções e dos Sentidos e a Antropologia da Dor como meios de análise para elucidar as motivações inerentes aos comportamentos de risco e a morte voluntária. Ainda, tratar o suicídio como o ápice do “estado de brancura” e problematizar suas ideações aliadas ao recorte de gênero, raça e classe em consonância ao tapete cultural em que se inserem. Mostrar que a Antropologia se faz útil em demonstrar que tem uma metodologia própria para a discussão sobre o tema e também em contribuição a outras áreas do conhecimento, como uma aliada, enfim, ao enfrentamento dessa questão sobre ordem da saúde pública.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Evidenciar a dor emocional como um fenômeno recorrente na atualidade com consequência ao desaparecer de si, em busca de não ser atingido pelas inúmeras violências presentes na comunicação em sociedade;
- Tratar sobre identidade no prisma da interseccionalidade para compreensão de como o externo pode padronizar modelos de tratamento a diferentes grupos sociais;
- Analisar o suicídio como um fato social presente em diferentes sociedades em consequência aos estigmas, preconceitos e falta de acesso a uma qualidade de vida plena;
- Dramatizar sobre a inevitabilidade de dor e sofrimento ser inerente à vida antes mesmo de conhecê-la.

CAP I – ANTROPOLOGIA DO CORPO

De modo a definir inicialmente, o corpo é um objeto. Objeto esse plausível ao mundo. Um objeto completo, no sentido em que emprega-se o termo “completo” ao que se entende de sujeitos que, fisicamente, são considerados saudáveis. Corpos que são saudáveis, sem deficiências físicas e/ou intelectuais, encontram mais facilidade de projeção às facilidades e adversidades de sua(s) comunidade(s). Neste sentido, o corpo como objeto possibilita o ir e vir de maneira objetiva, à viabilidade de fala e escrita, a capacidade cognitiva etc. O corpo como objeto possibilita experiências ao que a personalidade subjetiva de cada qual estima como desejo ou repulso às suas escolhas e abnegações, em meio aos acontecimentos cotidianos. Nesse âmbito, analisar o corpo é confirmar ele mesmo como um objeto de estudo sobre os eventos. Para identificar a dor, o sentimento e o desaparecimento, é preciso saber que existem dois significados para tratar do “corpo como rascunho” (BRETON, 2013, P. 13). Para David Le Breton, a contemporaneidade faz do corpo um objeto falho, pois ele nunca se faz suficiente às exigências da vida cotidiana. Ao passo de que, outra interpretação possível em se tratando do “corpo como rascunho”, é considera-lo como um objeto que emprega sentidos, valores, condutas e comportamentos sujeitos a transformações, sendo isso um processo humano normal e benéfico para amadurecimento pessoal. Mas que, por ser considerado “artesanal”, ante as exigências da vida, ele sempre é visto como imperfeito, longe das imposições impostas pela modernidade.

O Corpo como Rascunho – A produção farmacológica de si e as respostas do *Alter Ego*

O corpo humano como arsenal de potencialidades é a natureza do corpo humano como rascunho. O que de modo analítico, é concebível em fatores existenciais. Ou seja, o desenvolvimento é um processo que pode trazer emoções alegres ou traumáticas. Sendo assim, é um ir e vir que, dependendo da situação, traz o passado de jeito vívido. São as informações coletadas ao longo de uma historicidade. É coerente segundo a formação humana, individual, subjetiva. É o “defendido” ou considerável pelas humanidades, pois faz parte da vida, da existência. É o explícito e a certeza concreta. A disparidade desse significado de

corpo como rascunho ao significado de improdutivo, pela modernidade, é a razão mãe de todos os conflitos. Não há um consenso entre as pressões externas e os anseios pessoais, tampouco um entendimento pela ação dominante de que, se talvez as pessoas discutissem mais sobre o equilíbrio entre a razão de vida e a moral de subsistência não houvesse tantos corpos/sujeitos em esgotamento físico. Pois, o que fica evidenciado nos discursos dominantes é de que o corpo sempre precisa estar se ajustando às necessidades das manifestações práticas. Nesse cenário, o corpo como rascunho é sinônimo de imperfeição. O corpo deve ser “pronto”, ao mesmo tempo em que merece ser ajustado, maleável, adaptável às correspondências das pressões externas. Essa ambiguidade do que se deve ser ou não, também resulta em adoecimento ao corpo em toda a sua carga física e mental.

Tal fato de paralisação do corpo ante seus propósitos interpessoais e o explicitamente imposto pelo externo é o que acaba por sucumbi-lo ao estado depreciativo. Visando manter-se ante o sustento da própria existência, sua maleabilidade fica evidente não de modo autônomo, consciente e, de certa forma, contínuo. A maleabilidade é para uma exigência externa. Quando se há o raciocínio por parte desse corpo-sujeito acerca de sua ansiedade, acerca da dubiedade de ser um ser humano em desenvolvimento aos diferentes eventos do mundo, em pressão a um projeto exterior que constantemente o sobrecarrega do que ele “deve ser” ou não, é sinal de que ele encontra-se ciente de seu lugar (ou não lugar) dentro do círculo padecente. Seu sintoma de ansiedade o mostra não como o “errado” ou “imperfeito”. Mas, empiricamente observando, como resultado da insanidade moderna em seus níveis sociais de formação, status, trabalho e relacionamentos.

O que Breton argumenta acerca do corpo como um objeto falho é essa carga de que a modernidade não aceita o corpo como um sujeito em variações, e sim como o a exigência dele (o corpo) tornar-se e/ou ser uma máquina, em que o caráter humano e suas individualidades esmorecem. Analisar essa frase é interessante, pois quando define-se “máquina”, obviamente que não se trata de um ser pensante. Essa talvez seja o que a sociedade interpõe como medida única. Se quiser sobreviver e obter necessidades básicas supridas, não pense. Ou pense demais. O corpo como rascunho não é visto e tampouco discutido. Para a modernidade, o rascunho não tem importância. Os sujeitos cotidianamente encontram-se sobre um molde da imposição do modelo industrial, onde o sistema faz prospectar o industrial como o

certo, sendo que o desenvolvimento humano é artesanal e gradual, há um tempo próprio para absorção de/e conhecimento. O “pensar demais” é essa guerra entre industrial e artesanal, sendo o corpo humano a arte desses processos conflitantes. Portanto, a passagem do corpo rascunho para o corpo como um “produto” é o que entende-se por finalidade das sociedades modernas. Através de um viés econômico, manifestam interesses na coletividade para benefício próprio de um grupo. Assim, é negligenciada totalmente essa perspectiva do corpo em situação contínua de desenvolvimento, como um suporte para os simbolismos ao qual está inserido. A alienação como veículo de subsistência para a rotina é o que o projeto de pesquisa defende como a atrofia do corpo, da mente e dos processos individuais, como maneira de fuga ante esse contexto. Acarretando, por resultado, o adoecimento psíquico e a sua causa no físico. De maneira contraditória, é o que impede também tais economias sociais de contarem com mais serviços da força de trabalho do(s) sujeito(s). O corpo é esvaziado de qualquer valor (BRETON, 2013, P. 15). Esse corpo como “rascunho a ser corrigido” é antes de qualquer coisa um suporte da pessoa, de seu *alter ego*, termo a ser explicado posteriormente.

A invenção do corpo é essa conformidade de sua funcionalidade mecânica. Na maioria do tempo, as pessoas são tratadas mais pelo seu lado mecânico do que percebidas em suas singularidades, onde essas últimas se mutilam psiquicamente por experimentar uma dor ou um desconforto que podem ou não refletir no físico. O senso comum carrega o corpo como uma resposta ordinária do “eu” materialmente. Partindo disso, se a pesquisa analisa o corpo pelo seu viés de suporte, o indivíduo é tão somente seus símbolos. Ao passo de que, aliar a dualidade da natureza humana à sociedade, coloca o corpo e a mente em sinal de descontrole de si, valendo-se de elementos para fora da norma química normal física. As farmacologias são encontro de remediar o resultado das frustrações.

“Descartes desliga a inteligência do homem de carne. A seus olhos, o corpo não passa de um involucro mecânico de uma presença; no limite poderia ser intercambiável, pois a essência do homem reside, em primeiro lugar, no *cogito*. Premissa da tendência “dura” da Inteligência Artificial, o homem não passa de sua inteligência, o corpo nada é a não ser um entrave” (BRETON, 2013, P. 18)

A corporeidade, ao mesmo tempo em que é um suporte, é também um canal de interpretação propício a inúmeros sentidos de interação; exposto a códigos, regras e

nomeações sociais. O que decide o sujeito fazer do humor em que está submerso é o seu vínculo exclusivo alinhado ao seu estado de espírito presente. Breton trata o corpo como objeto de estudo, por ser ele o foco e sustentáculo físico das relações sociais. Ao longo da obra: “Adeus ao Corpo” (BRETON, 2013), é definido que a existência de psicotrópicos garante falsamente que tais frustrações conseguirão ser solucionadas a curtos prazos. Não é objetivo do projeto em pesquisar sobre o lucro da indústria farmacêutica acerca dos fenômenos sociais da depressão, ansiedade e outros distúrbios mentais e emocionais, como barganha para o a mercantilização e concorrência dentro das relações de troca. A questão é a definição de corpo farmacológico, que para Breton é a falta ou ausência de reflexões analíticas sobre si e o seu entorno. A busca por um método de “mudança de humor” fácil sinaliza a anulação de enfrentamento ou o medo de se trabalhar o estado psicológico desejado. Neste sentido, emoção passa a se tornar uma mercadoria, de fato.

“Supostamente, o produto ingerido suprime a duração na obtenção do resultado: propicia o estado desejado no momento desejado sem esforço particular do indivíduo que só tem de estender a mão até seu armário de medicamentos” (BRETON, 2013, P.61)

Complementando; a produção farmacológica de si nada mais é do que uma invenção que, no fundo, carrega uma essência inibidora em longo prazo.

Cunhado por Cícero, filósofo do século I, o termo “*alter ego*” representava um significado diferente ao empregado pela psicologia do século XX. Mais precisamente, para a psicanálise. Para o filósofo, *alter ego* seria alguém de confiança absoluta. A partir do século XIX, tal denominação era atrelada ao transtorno dissociativo de identidade. Através de Freud é que se tem a ideia mais conhecida e/ou difundida, em que *alter ego* se define como dispositivo do inconsciente somado às vontades e idealizações reprimidas. É com esse valor que Breton abraça a noção de corpo como *alter ego*. O rascunho a ser corrigido, suporte deste “outro eu”, representa, na contribuição de Breton, essa diluição da identidade do homem na frenética busca da perfeição e controle das situações.

“O corpo é declinado em peças isoladas, é esmigalhado. Estrutura modular cujas peças podem ser substituídas, mecanismo que sustenta a presença sem lhe ser fundamentalmente necessário, o corpo é hoje remanejado por motivos terapêuticos que praticamente não levantam objeções, mas também por motivos de conveniência pessoal, às vezes ainda para perseguir uma utopia técnica de purificação do homem, de retificação de seu ser no mundo. O corpo encarna a parte ruim, o rascunho a ser corrigido” (BRETON, 2013, P. 16)

O ódio ao corpo presume-se quando a personalidade entra em conflito ao que considera ideal. Se o *alter ego* se desempenha a um papel conflitante, agora não menos. Há uma luta constante entre a natureza individual e a ideia de perfeição, a busca no “outro” de conseguir ser ele mesmo (o corpo presente já não importa mais, ele está longe de si, quer ser outra pessoa). Essa anulação é que enterra por vez o corpo como rascunho (algo da natureza humana) e toda a sua “bricolagem” (BRETON, 2013, P.59). O espírito passa a ser um estorvo. Ele não aguenta o que visualiza, o que é, o que reflete. Ele busca anular-se para encaixar-se e não mais existir. Talvez ele seja um resultado alheio, indecifrável e indizível a própria consciência de sua carne.

O órgão do humor (BRETON, 2013, P. 55) traz à tona essa maleabilidade como condição e adaptação do psicológico da mente e do corpo sobre a vida. Em si mesmo, ele não é o responsável único, ao que defende Breton, por essa “adequação” ao contexto. Ele sozinho é o responsável pela consciência do humor dos indivíduos em determinado cenário. Reiterando, a ansiedade define-se, nesse norte, como um sintoma de sinalização das sobrecargas externas. A ansiedade expressa que algo está insuflando os pensamentos do corpo, sugando a energia vital das mínimas coisas em seu desempenho mais simples. Ela discorre sobre o mal-estar em focar em inúmeras coisas ao mesmo tempo e não conseguir focar em nada. Retorna o fator do corpo como rascunho, o corpo artesanal nessa conversa de passado e presente e o passado como presença. O órgão do humor sinaliza esses excessos de informações e também a imobilização pelo passado (excessivamente) em sua habitualidade. Termo original de Breton, o órgão do humor é um filtro da vida cotidiana, capaz de favorecer o inapreensível. É uma gestão consciente do humor para um benefício próprio. Mais do que benefício, trabalha aspectos sensoriais do corpo ligadas às escolhas subjetivas. Por exemplo, dormir para escapar de uma situação penosa, ou o uso de energéticos para dar energia diante de um contexto eminente. O órgão do humor pode ter relações com a produção farmacológica de si, no sentido de que a adaptação diante de um evento venha a necessitar de um meio material que modifique ou controle as emoções e sentidos entrelaçados, visando seu próprio bem estar. As crianças, contrariamente, não apresentam o “órgão do humor”. Ao que Breton defende (BRETON, 2013, P.58), as crianças não conhecem o sentido de adaptação aos espaços ou ao meio em que vivem, são espontâneas e não

sabem remediar suas palavras e atitudes. Conforme o passar da idade e a entrada na pré-adolescência é que esse “órgão”, de modo alegórico, começa a mostrar sua funcionalidade. Órgão esse despertado em razão dos modelos de relacionamento em contexto ao seu meio.

“A chave da relação com o mundo reside na vontade que decide sobre a molécula apropriada para retificar um corpo mal ajustado, modificando o humor. Melhor traçar um caminho bioquímico em si do que enfrentar sem defesa a provação do mundo” (BRETON, 2013, P. 57)

Dilema preponderante é, se tal órgão sinaliza essa relevância da moldagem ao cotidiano, em sua intenção positiva e significativa, não se deve ele adequar-se ao bem-estar das necessidades individuais? Pois a consciência de adaptação, de certo modo, também pode resultar em uma escolha para prejuízo próprio. No ocidente muito se discute em remediar a exaustão, que sinaliza os esgotamentos mentais e/ou físicos, mas não há o encontro em tratar a causa ou questionar a realidade do corpo-sujeito em contexto disso. Corrompe-se ao uso de medicamentos inibidores ou estimulantes como emergência de expressar no corpo um sentido de acolhimento ou prudência de descanso ao seu esgotamento. Não que o cansaço psíquico deixe de existir, de modo lúcido sua realidade não muda da noite para o dia. Mas, o seu questionamento excessivo passa a ser mais ponderado. Talvez a utilização de “próteses” do sentido (BRETON, 2013, P.63) é, de certo modo, a fuga de si mesmo e/ou da realidade. A conversa entre gerencia da consciência desse órgão do humor e sua adaptabilidade às emoções é uma camada fina à produção farmacológica de si. Nem sempre a consciência de um fato leva às melhores escolhas, e deve-se ter cuidado em utilizar “melhor” como o mesmo sentido de ser benéfico. Por exemplo, discutir sobre suicídio deslumbra um véu de conteúdo(s) em contraste(s) e afirmações(s). Determinadas escolhas, através da consciência, denotam um desespero ou um processo de exacerbação mental (conhecido como catarse), sobre uma circunstância.

Quando David Le Breton utiliza Platão (BRETON, 2013, P. 13-14) para dizer que as raízes da humanidade não estão mais no céu, entende-se que ele emprega o significado de “céu” não tão somente para uma corrente espiritual ou para pluralidade religiosa. O céu, ao que deve ser encarado, é o despertar para si mesmo, para o seu desenvolvimento. Quando ele volta a dizer que tais raízes emaranham-se a terra, significa que um estado de introspecção e esvaziamento, de

não questionamento e dor conseguiu atingir o corpo que não percebe mais a sua alma. Desatento para seu próprio conhecimento, o corpo humano, às ideias de Platão, se desmistifica como túmulo da alma. É o que pode-se interpretar como a sacralização da alienação nas instituições com sua ética moral em contraste a filosofia humana.

O tempo na contramão da impressão pessoal

Partindo disso, a relação com o mundo é uma relação pelo corpo (BRETON, 2013, P. 21), que tem o poder de inibi-lo ou de transgredir seus processos individuais. Entretanto, o corpo torna-se uma preocupação quando percebe ser falho. A preocupação incide nas mínimas técnicas corporais sobre as atividades cotidianas, já que a contemporaneidade parcialmente solicita a carga muscular do corpo em desenvolvimento a algo. Esse papel do corpo como passivo de imposições também se considera como produto, resultado do mundo moderno. As construções sociais em suas exigências constantes urgem em compreender que se não querem o corpo como falho, não necessita sobrecarregá-lo em um estado atordoante de pressões laborativas mentais e físicas. Se o corpo é falho, é por essa dicotomia entre sua natureza, versus a modernidade.

Ao mesmo tempo em que o corpo pode ser concebido como uma ameaça inconsciente pelo fato de não ser “pronto”, ele é um elemento material do presente, mas que pela sua carne não totaliza exclusivamente sua identidade plural. Entretanto, quando o corpo se transforma fisicamente, muitas vezes é uma medida para dar novo significado à vida (BRETON, 2013, P. 43). O corpo é o objeto para a investigação e análise do *eu* na(s) sociedade(s). Ele é a primeira imagem, a primeira impressão, o “cartão de visita” aos espaços. Ao qual também pode exercer, sobremaneira, um papel de corpo político. Apenas para ilustrar o que é o corpo político na prática a exemplo de Breton (pois o foco da pesquisa não é esse): é a representação de uma minoria que se vê oprimida por uma autoridade racial, cultural, de gênero, etc. O corpo político é o exercício do pensamento crítico em ação, e é aí que vem o suporte do corpo como ponte factível de concretude às teorias sociais e às ideologias.

Considerado como ameaça, falho e imperfeito, discutir corporeidade é saber que sem ela não há possibilidade(s) no limiar da vida. O corpo hoje é uma peça para afirmação pessoal (BRETON, 2013, P. 30). Ao referir-se à identidade plural, identifica-se e afirma-se que o corpo possui significados simbólicos, culturais, emocionais e subjetivos que, em primeiro momento, não se revelam ao mínimo contato. O corpo é, em síntese, a “embalagem” de todas as somatizações da existência com a comunidade social. Ele não deve ser encarado como “pronto” ou como algo concreto, equivalente a um produto material. Como argumentado anteriormente, a razão mãe de todos os conflitos é a concretude das relações na modernidade social, em seu sistema econômico e moral, confundir corpo falho como imperfeito. Há de não ser uma confusão despercebida ou impensada. Talvez a imposição de corpo falho como algo imperfeito e repugnante exija processos de consumo e/ou capacitação para afirmação de uma identidade imposta pelos aparelhos de divulgação que conferem uma padronização momentânea do que se defende por “perfeição”.

Primeiro que, a pesquisa mensura o corpo sendo algo falho. Ao escrever ele como “objeto” é para intensificar seu lugar nas relações sociais, desprovendo todo seu conteúdo particular. Ao caracterizá-lo como “algo” é porque não irá se trabalhar a maneira/modo/jeito de ser impessoal de determinada pessoa. De maneira didática, é uma atividade de analisar as relações como se fosse um jogo de tabuleiro, onde as peças são cortadas e creditadas por exigências, pressões, sobrecargas e depreciações pelo cenário em que elas estão. O enfoque do capítulo e, por conseguinte, do trabalho; mesmo não sabendo sobre o alguém, sobre o externo, é entender porque seu cenário o deprecia e deprecia outros corpos, já que essa é uma situação recorrente em seu mundo. O fato de existir o conflito motivado pelo sistema que o absorve, porém, não o exime de sua natureza de espécie humana. Em que, pelos seus meios de subsistência e envolvimento na comunidade, também enfrenta seus processos particulares de construção e desconstrução para se (re)conhecer.

O autoconhecimento é um fenômeno que o caracteriza como ser pensante e racional, além de ser humano. Ser humano, por ser racional, dialeticamente que não é algo concreto, “pronto”. O problema motriz é adaptar a realidade biológico-analítica às formas de sustentação e subsistência dos sujeitos nas comunidades modernas. É afirmar para os comandos que possibilitam o acesso à dignidade de que, ser falho

não é ser ruim, é natural da espécie. Caracterizá-lo como falho para detrimento de interesse específico, exigindo sempre mais dos sujeitos em igualdade a si que compõem seu núcleo, foge à consciência aos próprios humanos em controle sobre sua(s) essência(s). Lamentavelmente, aliar política econômica e valores morais à natureza humana e sua construção processual e exclusiva é o grande entrave das dicotomias dos últimos séculos. Quiçá, de toda a existência humana.

CAP II – Indigestão emocional: Revolta, dor e melancolia

Dor como princípio de ação

O corpo é um objeto sujeito das informações e transformações sociais. A corporeidade denota-se como um ponto de observação sobre os fenômenos que atravessam e moldam esse corpo-objeto. Através da cultura de um povo é possível notar como as respostas emocionais e sensoriais podem ser classificadas de maneiras diferentes. Segundo Breton (2019, P. 48), o ser humano está em constante influência dos acontecimentos e deles sendo tocado. Essa habilidade de se permitir ser tocado ou simplesmente aceitar a inevitabilidade de tal fato, resulta em consequências ao corpo sobre a gama de singularidades que ele, em sua individualidade, possa vir a carregar.

Estudar o corpo é encarar que ele é uma transformação contínua pelos diferentes espaços que trafega ao longo de sua vivência. Somado a isso, as revoluções por qual o corpo passa, dentro de sua essência própria, intensifica o sentido de dor. A dor física pode-se compreender como qualquer movimento de ruptura e intensificação que aconteça dentro da normalidade orgânica do corpo que possa vir a comprometer seu funcionamento. Já a dor emocional é aquela cutucada por processos de transferências e relações com o externo, onde o corpo pode se tencionar em excessos ou vazios simbólicos. Quiçá, também, se manifestarem no físico.

Byung-Chul Han, autor de “Sociedade do cansaço” (2017), define o século XXI como sendo o século da “Violência Neuronal”. O que ele pretende destacar são os processos pelos quais a modernidade sucumbiu à espécie humana, sendo esse marco de transição o da sociedade disciplinar¹, para a sociedade de desempenho. Segundo ele, a atualidade é vítima de um discurso velado, onde ao primeiro momento parece denotar um sentido de “positividade”. Esse desempenho está atrelado a uma subserviência e a um total estado de alienação das comunidades. Conforme descrito anteriormente, é a marginalização do corpo como rascunho. A disciplina da austeridade agora se transferiu para a positividade tóxica do

¹ A Sociedade Disciplinar, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que exige o cumprimento da ordem e da autoridade. Com a chegada da Sociedade de Desempenho através da modernidade e tecnologia, a produção e a maximização do tempo entraram como formas de subsistência, somadas às exigências da Sociedade Disciplinar.

desempenho, onde a produção massiva e as condições de trabalho deixam de serem criticadas para serem um discurso sublime e alienante. A sociedade de desempenho, em síntese, é aquela que descortina a violência neuronal dentro de seu leque de manifestações: a depressão, Síndrome de Burnout, déficit de atenção, síndrome de hiperatividade etc.

“A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*.” (BYUNG-CHUL HAN, 2017, P. 29)

Todas essas manifestações da violência neuronal (utilizando Byung-Chul Han), flagelam a diversidade social. Entender o que essas violências significam ao objeto corpo é, também, entender a dinâmica da estrutura social. De tal maneira, Breton busca definir o que a dor simbólica perpassa dentro dessa dinâmica, acentuando que a dor é a marca de sua humanidade e aboli-la é o mesmo que abolir a condição de ser humano (BRETON, 2013, P. 172). A dor emocional, então, pode ser entendida como resultado da interatividade do corpo em seus processos de reflexão e ação, onde em determinado momento pode descortinar todo o simbolismo de que dele é formado e está em formação. Arelado a isso, ainda segundo Breton, entender o sentido do sofrimento é compreender o sentido da vida (BRETON, 2013, P. 109).

“O trabalho é o padrão de medida dos meios populares: já não ser capaz de trabalhar atesta o reconhecimento da doença, isto é, a legitimidade da queixa. Por força e por cultura, acostumaram-se a não “se preocupar com a saúde”, a resistir à doença com uma vontade ainda mais forte, porque as atividades cotidianas ligadas ao trabalho constituem a própria essência da vida.” (BRETON, 2013, P.136)

O trabalho nas sociedades modernas acarreta a essa renúncia de si. Essa sociedade de desempenho não permite que se fale sobre dor e sobre esgotamento. Ainda, a servidão ao regime de produção capitalista como forma de sobrevivência, aniquila toda a vontade de se pensar uma outra forma possível de viver (HAN, 2017, P. 29). O tempo de trabalho, as responsabilidades e o deslocamento faz parte dessa luta pela sobrevivência. Interiorizar uma maneira aquém da atual demanda tempo de descanso e condições (emocionais e materiais).

As matrizes que moldam a emoção de dor são fruto do resultado de uma ação do presente ou do passado. Em que ainda absorvem, de grande maneira, o fluxo de

pensamentos do indivíduo. O *sentir a dor* são as respostas aos eventos, que podem ser classificados como, por definição, matrizes emocionais. (BRETON, 2013, P. 149)

“Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade” (FREUD, 2011, P. 32)

Neurose é um conceito cunhado pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud. Ela explica o embate entre as situações externas na vida do indivíduo que podem o levar a transtornos mentais, nesse caso. Em síntese, a neurose é um emblema entre lidar com os conflitos presentes e passados na vida desse objeto-corpo. O trecho acima destacado de “O Mal-Estar na Civilização” permite identificar que a privação, de certa forma, faz parte de tudo aquilo que o indivíduo gostaria de ser ou fazer, mas se vê repellido por medidas, normas, regras e leis a depender do escopo cultural. Toda essa privação gera uma forma, um sentimento de dor. A sociedade de desempenho coloca como inconcebível qualquer manifestação mínima de consciência e reflexão emancipatória. Neste sentido, a perda humana da consciência e do *Homo Sacer*², capacita ao corpo humano um lugar de vida transitória (HAN, 2017, P. 44).

Essa vida transitória, segundo Han, é a perda de vivências ativas. Ele contesta essa falta do *Ser*. É como se as pessoas existissem, mas perdessem a percepção sensorial de contestação crítica frente às injustiças e o sistema ao qual fazem parte.

“Também o aceleramento de hoje tem muito a ver com a carência de ser. A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre.” (HAN, 2017, P. 46)

Entretanto, discutir sobre a dor é questionar tais matrizes emocionais. Essas que são as responsáveis pela forma de reação ao que atinge o corpo emocionalmente, psicologicamente e de maneira simbólica. Estar em vínculos sociais mostra a invariabilidade de estar em meios de sentir e expressar dor. (BRETON, 2013, P. 172).

² *Homo Sacer* é um termo do latim, sendo “Sacer” o significado de sagrado e “Homo” o de homem. Neste sentido, *Homo Sacer* significa a conexão entre humanidade com uma consciência maior, um sentido simbólico de orientação na reflexão individual. O autor utiliza este termo para destacar a perda de fé pela humanidade, em detrimento da sociedade de desempenho, mas também para destacar o fato de que os sujeitos perderam a conexão consigo mesmos, em termos de auto percepção.

Ela (a dor) é determinante, pois revive as raízes sociais e emocionais constituídas ao longo de uma vida e toda a carga simbólica e instintiva concebida como resultado delas.

“A maneira pela qual um indivíduo reage à dor tem suas raízes, em grande parte, nos primeiros anos de vida e no tipo de atenção dos pais aos ferimentos e às doenças da infância. A família é um lugar intenso de socialização no qual se moldam modalidades corporais da criança e sua relação com o mundo. (...) ao longo dos anos as interações familiares delimitam o campo das percepções e das emoções, educam e ritualizam sua expressão para si ou para os outros” (BRETON, 2013, P. 115)

As experiências, de tal maneira, traçam um arsenal emocional para aquele corpo exposto às mais adversas situações (BRETON, 2013, P. 115). O indivíduo é capaz de crescer entendendo o que lhe faz bem e o que também possa a vir lhe prejudicar. A forma como a qual ele pode sair de uma situação de dor e desconforto está atrelado ao fato das mesmas fazerem parte de sua condição de sobrevivência, algo tão presente na modernidade. O fato de a dor ser algo inevitável e, de certa forma, psicossomático a medida de que se provenha uma consciência reflexiva, não a faz ser uma emoção digna de compreensão ou reavaliação do externo. Em se tratando de meios de produção e trabalho, discutir sobre a Síndrome de Burnout e os efeitos da sobrecarga de trabalho não elimina o fato de que ele deixe de ser, da noite para o dia, um ambiente de desgaste físico e psíquico-mental. Por mais que se reconheça a luta dos trabalhadores por condições dignas de trabalho, em que algumas empresas possam vir a repensar seus modos de produção, em escala global essa não é uma escolha unânime.

“Consideram que, de qualquer forma, a vida é difícil e, conseqüentemente, suportam os comprometimentos corporais que julgam inevitáveis, mas que outros grupos acham insuportáveis e combatem com o conjunto dos recursos médicos a seu alcance. A dor não é um dado bruto, mas a consequência humana de uma doação de sentido que implica, portanto, uma atitude específica” (BRETON, 2013, P.138)

Assim, a proposta de destacar as disparidades e os egoísmos na atualidade, permite discutir sobre a dor no âmbito simbólico, evidenciando os principais pilares de adoecimento emocional e mental em ascensão. Afinal, tratar sobre dor é entender, também, que o assunto se trata de um problema social crescente, como consequência da modernidade.

Emoções e Sentidos – Espaços e suas influências simbólicas

Na antropologia, estudar as emoções é observar as respostas que os indivíduos possuem acerca do que sentem e o que, com ela, expressam. Tais respostas se tornam um instrumento rico para analisar antagonismos sociais em uma mesma cultura ou até mesmo em culturas diferentes. De tal forma, no mundo moderno é possível trazer a antropologia para identificar a cultura, os valores e a dinâmica estrutural como conteúdo das emoções e analisar a pluralidade de sentimentos e sintomas de um povo. Assim, tendo como primazia salientar quais fatores conduzem a uma uniformidade de emoção e/ou sintoma dela advindo, problematizando o porquê essa dinâmica estrutural interfere no corpo e através do corpo a individualidade e o organismo social. Contudo, não há como tratar de emoção sem entender os sentidos dos quais ela se compõe. Tratando da esfera da dor na psique do corpo como objeto, a individualidade se manifesta por ele usufruindo de seus sentidos e das sensações deles percebidas. Dentro do âmbito da dor psíquica e simbólica, discutir as emoções e os sentidos trata-se de um dever.

“Os sentimentos nascem num indivíduo preciso, numa situação social e numa relação particular ao evento. A emoção é ao mesmo tempo avaliação, interpretação, expressão, significado, relação e regulamento do intercâmbio. Ela se modifica de acordo com os públicos e com o contexto. De acordo com a singularidade pessoal, ela varia em intensidade e nas formas de manifestação. A tonalidade afetiva da relação com o mundo é sempre simultaneamente a relação com os outros, a qual se simboliza através dos vínculos sociais, implicando as modulações introduzidas pelos demais e, portanto, uma atividade pensante.” (BRETON, 2019, P. 266-267)

A dor é uma construção social e cultural. É dotada de um sentido e uma significação e que, segundo Breton (2019), por mais que a figura da dor seja uma maneira de destruir a pessoa, através de um acidente, tortura ou uma doença; ela carrega uma substância capaz de fazer sentir-se vivo, mesmo que ao primeiro momento haja uma impotência quanto à reação. Nisso, a emoção se caracteriza como um fato inerente dentro da Antropologia. Breton define que os indivíduos encontram-se presentes no mundo de maneira afetiva, e que as emoções são uma conversa com toda a corporeidade: os gestos, as posturas, a mímica fisiologia.

“A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo. Ela consiste num momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo” (BRETON, 2019, P. 140)

Ainda, falar sobre dor atravessa de certa forma as crenças pessoais do sujeito. A maneira como ele possa lidar com seu corpo e a forma de agir diante suas emoções estabelece uma afinidade junto ao que acredita estar fazendo de certo ou errado segundo uma moral construída. O contato que diferentes culturas entrelaçam com o simbolismo espiritual, acende uma luz capaz de compreender que a maioria das ações do particularismo individual obedece a um *religare*³ de acordo com as referências subjetivas e múltiplas dentro de um recorte cultural. Um exemplo disso é a fé cristã e a religião católica que, com o passar dos séculos, proliferaram de que o significado do martírio e do sofrimento, de certa forma, seria um modo de existência e uma escolha para o caminho “divino” (BRETON, 2013, P.176).

De forma veemente se faz importante a necessidade de discutir a diferença entre emoções e sentimentos. A antropóloga Clarice Cohn (2005), divide do mesmo argumento de que David Le Breton ao discutir a diferença entre emoção e sentimento. Para ambos, os sentimentos são raízes mais profundas, envolvidas por um mar de infinitas relações e informações. Contudo, conseguir entender que a emoção é uma forma de expressividade movida por uma carga de sentido estabelecida através do tempo com um diálogo de transferências entre si, permite identificar que todas as ações, de certa forma, que afetam a carga simbólico-emocional são eternas dentro das memórias de resistência do ser humano (BRETON, 2019, P. 248). Tais relações dentro do processo de absorção cultural ocorrem dentro da infância, onde a criança se mostra como um agente de informações, co-produtora e produtora de seu repertório cultural, simbólico e emocional (COHN, 2005, P. 35).

Margaret Mead, (PIRES, 2010) foi uma antropóloga de grande relevância nos estudos da antropologia durante o século XX. Ela propõe que ao observar o aprendizado cultural das crianças, há a prioridade de estudar a *cultura na prática*. Assim, a autora é visionária ao afirmar que as crianças são agentes do processo de cultura e não meros participantes passivos do cotidiano social-sensorial. Em razão disso, ela se destaca ao reformular o que entendia sobre o conceito de cultura, reafirmando que esta é um processo contínuo e não mero substantivo, algo concreto.

³ *Religare* é uma palavra do latim que significa “religar”. É uma motivação, impulsionada pela fé, para uma (re)conexão espiritual. Ou seja, seguir determinada expressividade religiosa.

“O trabalho de socialização das crianças seria visto como um mecanismo progressivo de aquisição de cultura. Essa maneira de pensar repousa sobre a definição do adulto portador de cultura, do bebê enquanto ser associal e da criança enquanto ser se tornando social à medida da inculcação dos padrões de comportamento culturais de sua região natal” (PIRES, 2010, P. 146)

É fundamental explicar que estudar sobre as emoções, no método antropológico é, em potencial, estudar sobre o sentido de cultura e das abordagens de relativismo⁴ que as mesmas possam carregar. Não se trata do foco de pesquisa estudar sobre o conceito de cultura ou uma cultura em específico. Trata-se, sim, de mostrar a noção de cultura inerente ao sentido e ao sentir humano. Também, de certa forma, é necessário explicar que dialogar com a psicanálise e a psicologia se faz necessário dentro da metodologia antropológica. Ao trazer alguns exemplos na pesquisa sobre as mesmas é com o foco de ilustrar o problema e os objetivos do trabalho, a fim de contribuir para enriquecer a temática.

De tal maneira, ao discutir sobre cultura e relações psicossociais no âmbito das emoções enquanto objeto da antropologia, a psicóloga e doutora em Antropologia Social Christina Toren, afirma que a espécie humana é: “individualmente social e socialmente individual” (TOREN, C. 1995, P. 5). Isso é atestar que, o processo de cultura é um processo de troca, pois ao mesmo tempo o corpo-indivíduo se (re)conhece a partir do que percebe (vê, toca, sente, degusta, gosta e desgosta) e apreende através de um outro caro a ele. É possível, então, apoderar-se do fato de que a cultura seja um contínuo e as emoções uma reação aos eventos nela presentes. Uma simples conversa pode ter grande peso ao indivíduo, por exemplo. Na modernidade, é comum o relato da falta de comunicação dentro dos relacionamentos. Isso pode ser um sintoma de reação ao entendimento de quem é o externo e o que ele pode modificar e afetar dentro das particularidades individuais simbólicas.

Ainda sobre a emoção de dor, Breton argumenta que: “A verbalização do sofrimento tem valor de libertação, destrói a prisão que mantém o indivíduo na ruminação do trauma” (BRETON, 2013, P. 203). O que ele pretende afirmar com essa asserção é o fato de a verbalização tem o propósito de aliviar a dor sentida, a emoção angustiante refletida no corpo. A não verbalização, por esse lado, pode

⁴ Corrente que se propõe a estudar diferentes formações étnico-culturais abstendo-se do etnocentrismo científico.

inibir os laços sociais de confiança e trocas mútuas. As emoções são estados transitórios que, por fim, podem formar um estado de afetividade, sendo este último determinante das escolhas, afinidades e predileções individuais nos relacionamentos interpessoais (BRETON, 2019, P. 265).

Nesse contexto, traduzir as emoções, por muitas vezes, se faz como uma tarefa difícil aos sujeitos. Muitas vezes a pessoa nem sabe por que sente a emoção, de tal forma que possa vir a elucubrar se tratar de um fator meramente biológico. O que, ao afirmar Breton, há uma medicalização do corpo, sendo ele um objeto farmacológico digno de ser uma “reserva de estados” (BRETON, 2019, P. 265; *Ibidem*, 2013, P. 55)

“Ela se modifica de acordo com os públicos e com o contexto. De acordo com a singularidade pessoal, ela varia em intensidade e nas formas de manifestação. A tonalidade afetiva da relação com o mundo é sempre simultaneamente a relação com os outros, a qual se simboliza através dos vínculos sociais, implicando as modulações introduzidas pelos demais e, portanto, uma atividade pensante. Ela flui dentro da simbólica social e dos ritos em vigor (...)” (BRETON, 2019, P. 267)

Byung-Chul Han apresenta outra abordagem ao tratar das emoções. Oposta a Breton e ao mesmo tempo complementar a ele, o autor defende o fato das: “emoções negativas” serem uma resposta ao discurso velado da modernidade, uma resposta ao “excesso de positividade” (HAN, 2017, P. 29). O que ele destaca, em síntese, é que essa positividade representa uma máscara, um discurso da essência liberal que camufla seus principais propósitos de dominação econômico-simbólica. Pela rotina atordoante que o capitalismo emprega e exige atenção, há uma guerra entre indivíduo e sociedade. Essa emoção de dor, esse estado mental de cansaço imprime uma potência de revolução contra a alienação escravizadora de massas. Com isso, há um novo discurso na sociedade de desempenho que vem a ludibriar a mente do trabalhador. Segundo Han (2017), na sociedade de desempenho há uma manipulação que muda os papéis de empregado e empregador. Agora é o discurso do “homem dono de si”, no sentido dele gerir o próprio tempo de trabalho e o próprio lucro. Contudo, ao longo da obra o autor destaca que, em grosso modo, o sistema econômico mundial sempre procura um novo modo de se reinventar e que: “A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam” (HAN, 2017, P. 29).

É uma dialética interessante que Byung-Chul Han traz ao tratar do *self* e do exterior e como a diferença da modernidade entre a disciplina e o desempenho é uma camada fina que descortina eixos desequilibrados da sociedade. Partindo disso, se as emoções são conversas do interno com o externo e vice-versa e se as mesmas precisam atravessar o corpo, esse objeto falho, para serem sentidas, então relacionar-se consigo e com o mundo é uma questão de sentido(s). Breton (2016) sinaliza os sentidos empapuçados por desejos simbólicos, classificando o fato de cada um deles estabelecer uma hierarquia cultural e pessoal que podem levar a privilegiar um sentido ao outro, em detrimento do que cada contexto da comunidade pessoal venha a exercer em peso na personalidade e nas ambivalências individuais.

“Para nossas sociedades, a beleza, particularmente ao se tratar da mulher, é uma virtude cardeal, ela impõe critérios de sedução muitas vezes ligados a um momento de ambiência social. Ela se fecha tiranicamente sobre si mesma segundo uma definição restritiva. (...) Os critérios de beleza são certamente cambiantes segundo as épocas (VIGARELLO, 2005), ou de acordo com as culturas, mas eles subordinam a mulher em relação ao homem. A beleza é, sobretudo, o feito da visão” (BRETON, 2016, P. 76)

A conversa entre os autores, como escrito anteriormente, é complementar. Sutil frisar que, embora o exemplo acima trate do órgão do sentido visual e a ele estabelecido um critério de afinidade entre o eu e os outros, ainda não se emprega a necessidade de perpassar as emoções de sofrimento sobre os sentidos. A dor e suas manifestações sensoriais em carga de sentidos e simbolismos terá expressão mais à frente, ao tratar dos comportamentos de risco. Contudo, Byung-Chul Han (2017) apresenta uma reflexão que conversa ao que propõe Breton em analisar os sentidos. Quando o autor analisa a sociedade de desempenho, ele veicula a modernidade absorvida dentro de uma emoção de impulso. Esse impulso, segundo ele, seria a falta da: “vida contemplativa”, a falta de percepção de onde o corpo encontra-se, de quem o corpo-indivíduo é e para onde ele vai. Assim, o resultado é de que há uma resistência ao indivíduo repensar os estímulos e não agir imediatamente ao que lhe parece, ao primeiro momento, instigante. (HAN, 2017, P. 51-52).

Desaparecer de si – Uma tentação

O termo: “Desaparecer de si” é um termo cunhado por David Le Breton (BRETON, 2018), ao analisar as situações, cada vez mais recorrentes na atualidade, de sintomas emocionais como consequência do externo. Ele destaca as múltiplas

formas de desaparecer e desperta a atenção para o fato de que cada sujeito, impulsionado por uma carga de sentido específica, encontra o seu jeito de se retirar do vínculo social quando seu prazer de viver é destroçado (BRETON, 2018, P. 26).

Os comportamentos de risco, ao que denota Breton (2018, P. 83) também são jeitos de desaparecer. A definição de comportamento de risco é toda aquela ação do sujeito que visa a se desafiar, usar de meios objetais como um impulso de fuga da realidade concreta, por assim dizer. Por exemplo, o uso de substâncias químicas como o álcool e as drogas e até mesmo o uso excessivo de medicamentos que estimulam o sono, leva a um estado de desaparecimento, pois então esse corpo-indivíduo não está mais desperto para com seus atos, falas e os efeitos de tais substâncias dentro de seu organismo, além dos efeitos de seus próprios atos quando não se encontra “em si”. Ao tentar não ser mais ninguém, na definição de Breton, ele parece estar vivendo sob uma espécie de força da gravidade (BRETON, 2018, P. 21). Essa força da gravidade, ao que Breton configura, é essa falta de sentido e prazer do sujeito. Ele vive seus dias de maneira a não se conectar com o mundo.

Desaparecer através da compulsão pelo sono é outra manifestação recorrente na modernidade. Através de um poema encontrado em uma rede social⁵, por meio da internet, o autor intitulado como: “Jmack” ilustra o conceito de David Le Breton por meio de sua poesia “Dormir para sempre”. Nela, o poeta concentra toda sua dor e angústia expressando-as com as palavras: “Apetece-me dormir para sempre. Dormir sem sonhar. Dormir sem sentir. Dormir sem saber. Nem me preocupa sequer não voltar a acordar, agora só quero que a dor pare... e não volte mais” (linhas 19, 20, 21, 22, 23 e 24 respectivamente).

Pela poesia evidencia-se a necessidade de esquivar-se das próprias realidades (BRETON, 2018, P. 51). Quando o autor expressa que ao dormir não se sente, não se sonha e não se sabe dos eventos e informações que o cercam, é puramente o exemplo para o que Breton se refere ao dizer que o sono é uma variante da ausência (BRETON, 2018, P. 54)

“Para alguns, o desaparecimento é uma forma eufemizada de suicídio, uma maneira de tocar o ponto fraco das pessoas mais próximas, de desaparecer sem morrer, beneficiando-se finalmente de uma segunda chance e até para

⁵ Disponível em: <<https://poraquifico.blogs.sapo.pt/6605.html>>

vingar-se pela falta de amor ou reconhecimento que imaginam terem sido vítimas.” (BRETON, 2018, P.176)

Desaparecer de si, nesse quadro, se delinea por estar longe de sua consciência emocional e sensorial. Longe da consciência dessas composições humanas, a o corpo sobre a atenção da realidade é um palco de produções à mercê desses eventos que mudam o equilíbrio subjetivo. Onde se é capaz de estremecer âncoras de um passado já resolvido e um futuro em processo de autoconhecimento e resolução.

Sigmund Freud discute sobre o processo do sono como um objeto de fuga. Ele trata o fato de que, pessoas que utilizam do sono como forma de desaparecer, buscam de modo não consciente a existência intrauterina (BRETON, 2018, P. 52; FREUD, 1978, P. 74-75). É a ausência de estímulos que dá a primazia reconfortante para quem sente a dor austera e venosa do cotidiano. Ao dormir, os olhos se fecham e as sensações repousam sobre uma total escuridão, a qual nenhuma responsabilidade pode lhe comprometer efetivamente ou o dissuadir a uma atitude deliberada e/ou impulsiva.

“Esse desejo de dormir é em larga medida uma forma de regressão, uma vontade de volta à infância e livrar-se da carga de tensão ligada ao fato de crescer e de ter de assumir novas responsabilidades” (BRETON, 2018, P.85)

A palavra depressão⁶ vem de origem do latim, que significa afundamento. É, aos cuidados da análise de Breton, uma sensação de esmagamento completo da existência (BRETON, 2018, P. 68). Vários são os motivos que levam a um quadro de depressão. Mas invariavelmente, de maneira definitiva, a depressão na órbita da tentação contemporânea de desaparecer desenrola-se como uma desistência de si. Motivada por um trauma de infância, uma violência ou luto, a depressão é uma doença da responsabilidade (BRETON, 2018, P. 70; EHRENBERG, 1998, P.10).

“O espectro da depressão é amplo, sobrevivendo principalmente após uma decepção, uma traição, um acidente, uma perda de emprego, um luto, uma separação que subtrai o indivíduo de suas referências anteriores, que rompe sua confiança ontológica no mundo e deteriora a sua autoestima. Ela atinge igualmente pessoas afetadas pela crise econômica e pelo refluxo da solidariedade: solidão, exclusão, penúria, precariedade, desemprego etc., situações que esgotam as forças desses indivíduos, envolvendo-os na sensação de algo irremediável.” (BRETON, 2018, P. 72)

⁶ Do latim: “*Depressio*”, significa “apertar firmemente”, “para baixo” como consequência natural de uma força exercida. À grosso modo, é uma expressão para: “afundamento”.

Por outro lado, Byung-Chul Han em sua própria abordagem dialética, examina que o efeito da depressão é o resultado de uma sociedade do cansaço, por assim dizer. O corpo, ao que ele encara, se transforma em um objeto de máquina de desempenho, com suas funções e prazos estabelecidos de maneira rígida onde cria-se um espaço para a indiferença. O que ele quer dizer é que os sujeitos perderam suas próprias essências, personalidades, gostos e vontades. Existe uma identificação com o outro, ao mesmo tempo em que não há. A identificação incide no fato de visualizar o cansaço no outro em que, pela sociedade de desempenho, todos se encontram exaustos. Entretanto, não existem conexões verdadeiras que permitam dialogar ou criar laços de empatia. (HAN, 2017, P. 72). Em síntese, o que ele pretende explicitar sobre a sociedade do cansaço e em conversa ao âmbito da depressão para Breton, caminha a sua interjeição de que o mal da sociedade moderna é o excesso de positividade e a falta de atenção com os sintomas de negatividade, sendo essas últimas uma potência significativa de reação. “Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade.” (HAN, 2017, P. 70).

Na abordagem de Breton, o tempo possui importância para compreender o estado de desaparecimento. Entende-se por tempo dois conceitos distintos: a duração da depressão e o marco em que se originou o distúrbio, por assim dizer (BRETON, 2018, P. 70). Lidando com o fato de que a depressão é um distúrbio mental e configura-se por um quadro de tristeza elevado por mais de duas semanas⁷, a sociedade não é preparada para lidar com pessoas que tenham depressão. O estigma acerca do distúrbio vem do que certos grupos sociais podem entender como “tempo aceitável” em relação à cada contexto (BRETON, 2018, IBIDEM). Sendo a depressão uma forma de desaparecer de si, já que ela inibe a versatilidade e as maneiras de convivência com o exterior, sua duração não equivale a um tempo socialmente “aceito” ou “planejado”. Isto é, ela pode ter causas vindas de um acontecimento do passado, como também do presente, conforme discorrido anteriormente. Ainda, segundo Breton, a depressão se configura como uma “depreciação”, pois a mesma traz um “desacelerar” atrativo para o sujeito que cansou de lutar e conviver com o peso de sua dor (BRETON, 2018, P. 73).

⁷ Disponível em: <<https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/diferencas-entre-depressao-e-tristeza>>

Freud em “O mal-estar na civilização” trata de que a religião, principalmente as de origem cristã, podem trazer respostas à finalidade da vida (FREUD, 2011, P. 19). Sendo o *religare* uma comunhão com a própria essência e individualidade, muitas pessoas absorvem as raízes das religiões cristãs, que motivam a despertar para seu sentimento de dor. Nesse exemplo não está subentendido uma defesa a essa expressão de fé, apenas delinea-se o fato de que a espiritualidade (e, nesse caso, por Freud estudar dentro da psicanálise a corrente católico-cristã) possa vir exercer peso na forma como os sujeitos encaram o mundo. Outrossim, a fé católico-cristã também pode às culpabilizar e escravizar psiquicamente por valores morais e éticos alinhados a condutas que sejam fora do credo e do que julgarem “aceito” dentro da religião. Isso pode contribuir, de forma ainda mais significativa, a como o indivíduo possa vir a trabalhar a sua dor. A religião, na maioria desses casos, se torna uma forma de penalização.

Abstendo-se do credo cristão, Freud trata de que, para os homens (a espécie humana) a intenção e a finalidade da vida como razão única é a felicidade. Ele ainda entrelaça uma potente reflexão de que, embora se enseja a vivência de “fortes prazeres”, é recusável as emoções de dor e desprazer (FREUD, 2011, IBIDEM).

A felicidade é manifestada, para Freud, através do princípio do prazer. Esse termo designa-se a identificar a impulsividade presente nos instintos. De tal forma, inconscientemente o indivíduo expressa-se com o intuito de satisfazer suas necessidades básicas para obter prazer e, assim, preservar-se do sofrimento que o possa vir ameaçar. (FREUD, 2011, P. 20)

“Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição. É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considera-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão fadidamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem” (FREUD, 2011, P.20)

Ou seja, embora exista o desejo de felicidade e o princípio de prazer como algo presente por instinto dentro do inconsciente, sozinho o indivíduo não é capaz de

sentir felicidade plena. Às vezes, nem com um apoio coletivo esse sentimento irrompe individualmente. Quando Freud destaca os relacionamentos sociais como a fonte de dor mais recorrente, é notório o fato de que estruturalmente a sociedade possa vir a contribuir para as emoções boas e negativas desse sujeito em potencial. Por exemplo, com a não acessibilidade a bens alimentícios, o indivíduo não consegue manter-se saudável e ter condições para seguir uma vida normal. Segundo o Dieese⁸, no Brasil de 2022, o valor do Auxílio-Brasil de R\$ 600,00 para a cesta básica é insuficiente.⁹ Nesse caso, tal acessibilidade deveria ser assegurada por políticas de governo afirmativas. Com a não intervenção das mesmas e os segmentos sociais sem alternativas, a busca pelo princípio do prazer vem a se destacar como uma luta constante. Já que, até para o básico, a comunidade venha a contar com a garantia de um direito que, muitas vezes, se mostre insuficiente ao mínimo. Esse sofrimento das relações sociais com outros seres humanos, utilizando de Freud, é um dos problemas que podem vir a colapsar a(s) forma(s) de (con)vivência(s). Em uma esfera econômica de impacto político-social, então, o sofrimento se exterioriza de modo efervescente. O sofrimento, a dor e a depressão expressam-se como um sintoma de negatividade (trazendo o sentido do conceito de Byung-Chul Han novamente) ante o meio de inserção em que se encontra o sujeito. Tais medidas públicas de enfrentamento ou injustiça aos direitos e garantias, acabam por comprometer de maneira relevante o comportamento e a realidade social. Como a felicidade se mostra factível em um cenário de desigualdade? A depressão virou mais um problema dentro do exemplo cultural apresentado¹⁰.

Branco

Termo também cunhado por David Le Breton, o estado de “brancura” é a forma que cada uma das pessoas encontra para isolar-se da realidade. Em relação as formas de desaparecimento apresentadas, o branco se revela como aquela necessidade de não intervenção do externo sobre o corpo. É a vontade de ausência (BRETON, 2018, P.94). Em diferentes fases da vida, há sempre uma manifestação do branco que vem a surgir como uma maneira de fuga, um pedido de socorro pelos excessos

⁸ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

⁹ Disponível em: <<https://fdr.com.br/2022/09/20/auxilio-brasil-de-r-600-nao-paga-valor-da-cesta-basica-para-24-milhoes-de-familias/>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pesquisas-apontam-aumento-nos-casos-de-depressao-no-brasil/>>

acometidos. Seja essa manifestação branda, como um final de semana de descanso sem agitações; ou severa, como a perda de contato definitiva e a abnegação de vontade de fazer-se o que gosta. No presente projeto destacam-se algumas formas de desaparecimento, não se aprofundando em culturas específicas. Além dos exemplos evidenciados e relacionados ao autor Byung-Chul Han, é notória a importância da sociedade nas transformações pessoais enquanto potência significativa para mudanças e revoluções coletivas. O estado de brancura é, nada mais, nada menos, aquele ponto “onde as referências são anuladas” (BRETON, 2018, IBIDEM). Todo estado de brancura vem a carregar determinada dose de dor emocional, carregada de sentido e significado que ficam presos ao corpo, em uma conversa quase que constante sobre suas matrizes (isto é: os vínculos, a forma de reagir e sentir). O branco é a busca pela invisibilidade, um estado de desaparecimento marcado e contínuo. É antes de qualquer coisa, uma fuga de si mesmo (BRETON, 2018, P.97). Imprescindível dizer que, para Breton, a ausência é a antessala da morte (BRETON, 2018, P. 151). A morte se destaca como objeto principal do próximo capítulo, sendo o suicídio o meio pelo qual se escolhe a ausência definitiva, por assim dizer.

“A fuga é uma espécie de descanso provisório dos papéis próprios da vida familiar e social, uma maneira de desaparecer por algumas horas ou dias. Muitos jovens errantes começaram com breves fugas; mas, cansados de ter de brigar incessantemente, se deixam levar e nunca mais voltam para a casa. A errância torna a fuga crônica traduzindo a vontade de se desfazer de um estado civil doloroso” (BRETON, 2018, P.87)

No que se refere ao estado de brancura, trabalhar com a concepção dos sentidos também se torna um passo fundamental ao buscar decifrar e compreender a complexidade do branco e do desaparecimento. Ao se isolar, muitas são as questões relacionadas à saúde mental que, de forma somática, podem irromper comportamentos de risco para o corpo e para o quadro emocional, como um todo. Nisso, Breton argumenta que os comportamentos de risco, alinhados a uma necessidade de ausência de/em não ser, são uma maneira de contentamento para quem desse processo padece (BRETON, 2016, P. 214). Ou seja, através dos comportamentos de risco encontra-se uma forma de expressão legítima para a pessoa que sofre das amarguras da vida. Encaixam-se, dentro dos comportamentos

de risco, o uso de drogas e psicotrópicos, a automutilação, tentativas de suicídio, o uso de medicamentos controlados, etc.

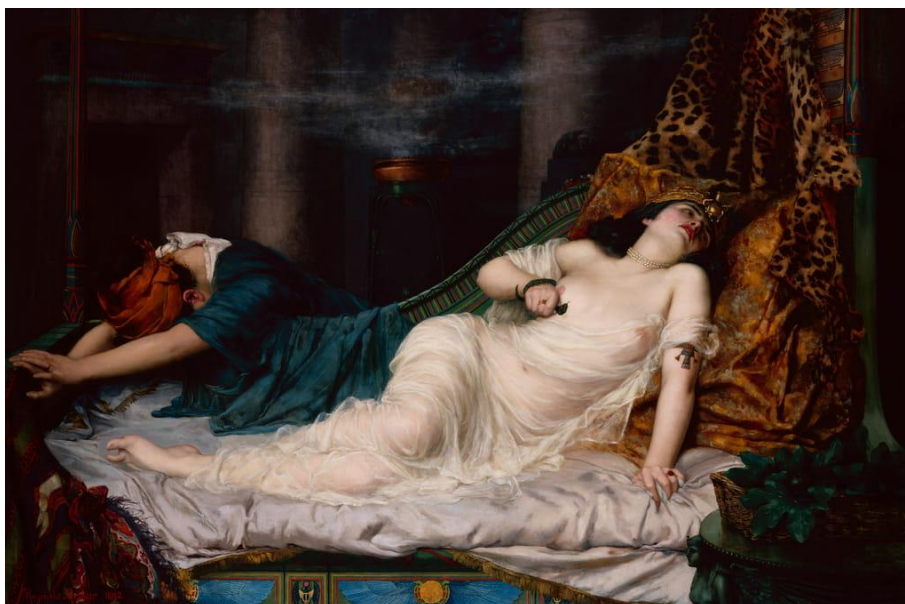
“A mortificação ou mutilação do eu tendem a incluir aguda tensão psicológica para o indivíduo, mas para um indivíduo desiludido do mundo ou com sentimento de culpa, a mortificação pode provocar alívio psicológico. Além disso, a tensão psicológica frequentemente criada por ataques ao eu pode também ser provocada por questões não-percebidas como ligadas aos territórios do eu – por exemplo, perda do sono, alimento insuficiente, indecisão crônica. Também um elevado nível de angústia, ou a ausência de materiais de fantasia – (..) – podem aumentar muito o efeito de uma violação das fronteiras do eu, mas em si mesmas essas condições facilitadoras nada tem a ver com a mortificação do eu.” (GOFFMAN, 2015, P. 49)

Erving Goffman, antropólogo canadense, ao escrever: “Manicômios, prisões e conventos”, analisa o papel das instituições totais e sua sistematização burocrática dentro do prisma das relações sociais em seus eventos e efeitos dentro do quadro de ressocialização e reabilitação de pessoas que, por ora se encontram em medida de cumprimento de sentença, ou estejam em processo de acompanhamento de profissionais da saúde mental. Goffman analisa a frequência de hábitos dentro dessas instituições que, ao invés de reabilitarem os sujeitos ali inseridos, corroboram para a piora do cenário ao qual já estavam enfrentando. A frase acima serve para evidenciar os comportamentos de risco dentro do estado de brancura. Que, ao buscar um estado de “mortificação”, mesmo não chegando ao planejado do que se compreende por morte, há, de fato, um alívio psicológico evidente. Complementado com Breton, “A morte não é a morte propriamente dita, mas uma forma de desaparecimento tranquilo para estacar enfim o fluxo doloroso dos pensamentos” (BRETON, 2018, P. 84).

CAP III – Suicídio – Desespero ou honra? Uma questão de ética e alteridade

A escolha do fim concreto – Um sintoma social

The Death of Cleopatra. (Arthur, 1892)



Fonte: Pixels.com (2022)

O suicídio é uma questão social que ultrapassa séculos, quiçá milênios. Em se tratando de referências históricas, a sociedade ocidental trabalha com o marco da vinda de Jesus (para religiões de origem cristã) como um ponto de partida para qualquer análise estrutural da(s) concepção/concepções da(s) relação/relações humana(s) em conjunto ao binarismo de natureza e cultura, em suas manifestações racionais e emocionais. Podendo, assim, ser possível trazer um marco de tempo capaz de analisar a conjuntura política e social antes, durante e depois da aparição desse ser religioso em questão. Por se configurar sendo uma escolha repleta de tabus, muitas crenças e dogmas carregam um legado de perseguição e aprisionamento mental. Principalmente para camadas sociais em posições de desigualdade, que viam e ainda enxergam o suicídio como um sentido de eliminar de seus corpos todos os sofrimentos nele incutidos pelas subjetividades que comandam as relações de poder e subsistência à vida humana. Analisar o suicídio,

sobretudo, é compreender que ele é um fato social ¹¹ existente dentro do caminhar da história.

Até 1737 não existia o termo conhecido como “suicídio” ¹². Palavra de origem do latim, suicídio é composto pela preposição “sui”, em denominação de algo para si mesmo e “caederes”, tendo o sentido da ação de matar. Assim, a partir de René Louiche Desfontaines, pesquisador e botânico francês, criador do termo, passou-se a ter repercussão significativa da nova nomenclatura, sendo uma atribuição substituta ao que antes era denominado por “morte de si mesmo” ou morte voluntária.

Ao tratar sobre o “Branco”, é concluir que essa escolha é motivada por fenômenos externos, alinhados em valores subjetivos internos, dignos de mudança de pessoa para pessoa. Estudar sobre o evento de “brancura” também é compreender que o suicídio, por si só, carrega uma concepção total de aniquilação contra si mesmo e que o termo cunhado por Breton apresenta-se como impulso para as tentativas de desaparecimento por completo. É, por assim dizer, o suicídio a ausência definitiva e concreta que em si potencializa os extremos do “branco”. Ao não existir, há uma negação da própria vida e sua continuidade, intrinsecamente relacionada à Antropologia do Dever, que Tiago Nagafuchi¹³, de maneira única, consegue correlacionar às subjetividades e formas de vida. Neste sentido, estudar o suicídio, sobre o denominador da Antropologia, é compreender que essa ação se trata de um ato comunicativo, que diz consideravelmente sobre os processos pessoais, da sociedade e do mundo, entregando uma potencialidade inerente à cultura, a natureza e às relações biopolíticas (NAGAFUCHI, 2019, P. 103).

A ausência do dever se expressa no sentido de desconhecer as subjetividades que possam vir a trilhar novos caminhos, perspectivas e condutas de ser. Assim, essa intersecção ao tema do dever permite compreender as informações e elementos

¹¹ Termo de Émile Durkheim, fato social tem o intuito de ser um objeto de estudo das Ciências Sociais, mais precisamente da Sociologia. Fatos sociais são formas de pensar, sentir e agir que ocorrem de forma coletiva e substancial nas sociedades.

¹² Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/suic%C3%ADdio/1571/>>

¹³ Tiago Nagafuchi é Doutor em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSPUSP), com ênfase em Antropologia, sofrimento social e violência. Além de tratar sobre suicídio, gênero e sexualidade na era digital.

presentes na vida ordinária. Fugindo ao que, neste sentido, se entende por suicídio no senso comum. A ausência do devir é a perda de um futuro imaginado¹⁴.

“Para tanto, é necessário compreender que cada sujeito carrega um corpo e por meio do mundo e junto dele atravessa uma miríade de destinos, que são marcados por (bio)poderes que causam sua miséria: a violência, a fome, a guerra, o capitalismo e suas artérias neoliberais, os flertes ditatoriais e fascistas de governos eleitos democraticamente (ou que tomaram o poder), a burocracia do estado, as mazelas diversas, e toda sorte de forças coletivas esmagadoras que são chamadas de sofrimento social (Kleinman, Das & Lock, 1997)” (NAGAFUCHI, 2019, P.105).

Por tratar do suicídio como um fenômeno concreto, resultado das interações sociais das subjetividades e intersubjetividades, vários são os casos de figuras históricas que, por motivos de desespero ou honra, cometeram seu intento em des-nascer (BRETON, 2018). O fato da prática do suicídio ser considerado um atentado contra Deus ou uma expressão de honra e coragem ante uma situação enfática, é motivo de grande discussão. Principalmente nas religiões cristãs, que veem no suicídio um ato de barbárie que fere o quinto mandamento divino, “não matarás”. Este último preceito só foi realmente aplicado após Santo Agostinho, em “A cidade de Deus” explicitar que tal ato fere o que se entende, dentro da doutrina, ao dom sagrado da vida. “A vida é um dom sagrado de Deus, diz ele, e só Deus tem o direito de dispor dela. E os hereges donatistas agem como criminosos quando defendem o martírio voluntário” (MINOIS, 2018, P.32)

O suicídio é um assunto ambíguo que, conforme posto anteriormente, apresenta interpretações distintas de um tempo em que o cristianismo e, por assim dizer, a igreja católica eram inconcebíveis e inimagináveis e de um tempo onde esses dois últimos já desempenhavam grande controle moral dentro da órbita social operante, principalmente na Idade Média. No exemplo da última citação, em referência à Georges Minois, historiador e pesquisador francês, entende-se por donatismo um culto religioso cristão que é contra o perdão, por parte da igreja católica, para os pecadores. De tal forma que, para os estigmatizados “hereges donatistas” defender práticas suicidas seria uma forma de por fim ao pecado definitivamente, algo contrário aos preceitos da corrente tradicional católica, em que defender o martírio voluntário se trataria de um crime em que negaria o princípio de confissão e o dom

¹⁴ Aparece na introdução de Biehl e Locke (2017), sobre a antropologia do devir. O devir, dentro da metodologia antropológica, é um termo que expressa o sentimento de ausência e insuficiência e o não pertencimento e reconhecimento na temporalidade. Assim, anula-se toda e qualquer conjectura de existência possível dentro dos espaços sociais em que esse indivíduo se nota deslocado.

da vida. Tal culto ainda fora extinto pelas forças de Santo Agostinho, que defendia o suicídio como um crime estrondosamente pior do que qualquer outro pecado.

“O suicídio por desespero é considerado o mais condenável de todos. Estamos em uma época na qual a Igreja começa a exigir a prática da confissão individual dos pecados, que reforça seu poder sobre as pessoas. Aquele que demonstra *desperatio*¹⁵ se suicida porque acredita que seus pecados não podem ser alcançados por nenhum perdão. Ele peca ao mesmo tempo contra Deus – de cuja misericórdia duvida, como Judas – e contra a Igreja – de cujo poder de intercessão duvida. O desespero se impõe como um dos pecados mais graves porque contesta o papel da Igreja no perdão dos erros por meio da absolvição, uma igreja que afirma, portanto, seu papel de intermediária universal e obrigatória entre Deus e os homens” (MINOIS, 2018, P. 35)

Por outro lado, a discrepância de tratamento, ao longo da Idade Média, do suicídio de um nobre ao suicídio de um camponês é consideravelmente perceptível e, porque não, hipócrita. De acordo com Georges Minois, enquanto o suicídio para um camponês, ao fugir da miséria, é considerado um atentado diabólico; para o “cavaleiro” que prefere a morte em campo de batalha à rendição, é sinônimo de ser tratado como um mártir, onde as devidas honrarias religiosas e civis são prestadas (MINOIS, 2018, P.17).

Essa situação diacrônica acerca do suicídio é um forte entrave ético. Segundo Nagafuchi (2019, P. 110), algumas escolas de abordagem grega consideravam que a morte voluntária fazia parte das escolhas individuais, no que confere um sentido de liberdade para quem se motiva ao ato. Na Idade Média, somado a isso, também havia a presunção do caráter sagrado para os que cometiam suicídio. Era uma briga de cunho religioso e, ao mesmo tempo ético dentro do terreno biopolítico. Pois o suicida, ao cometer o martírio não seria digno de salvação. Mas, em se tratando do caso, era um emblema complexo em que movia segmentos do catolicismo na Idade Média ao relacionar o suicídio à loucura, já que nesse quadro o suicida estaria longe de suas faculdades mentais e careceria do perdão em sua continuidade a vida espiritual (MINOIS, 2018, P. 40 e P. 47).

“A partir do século XIV, alguns legistas desejam abrandar o direito nos casos de suicídio. É o que faz Jean Boutllier, morto em 1395, em Somme rural [A Somme rural], ao defender o retorno ao direito romano. Quando existe suicídio, escreve ele, a justiça do senhor tem de fazer a investigação, e só deve haver punição se o morto se matou para escapar de uma condenação. Aplica-se, então, ao cadáver a pena que ele teria sofrido se tivesse permanecido vivo. Em todos os outros casos, ou seja, doença,

¹⁵ De origem do latim, “*Desperatio*” significa desespero.

“destrambelhamento” (loucura), ele deve ser enterrado normalmente (...)” (MINOIS, 2018, P. 47)

Ainda, o confisco pelo Estado a quem praticava o suicídio era uma maneira incontestável de punição ao suicida, já que os camponeses pertenciam ao seu senhor e estes eram senhores de seus reis. Assim, o suicídio seria considerado um ato de roubo na Idade Média, já que o suicida estaria expropriando seu senhor e seu rei de seu trabalho. Portanto, a punição para o suicídio e o suicida, aos olhos da coroa, caracterizaria uma maneira de “indenização” acerca do roubo cometido. Confiscando os bens e propriedades do trabalhador, sem deixar condições materiais nem mesmo para as famílias daqueles que cometeram a morte voluntária.¹⁶

“O suicídio comum na Idade Média diz respeito, antes de mais nada, ao mundo dos *laboratores*,¹⁷ os trabalhadores. São os camponeses e os artesãos que buscam a morte, em geral depois de uma piora brutal em sua condição de vida. Os *bellatores*¹⁸, os guerreiros e os nobres, não procuram a morte diretamente; os *oratores*¹⁹, o clero, o fazem às vezes, mas a explicação é sempre a loucura, e os corpos não são justificados. O suicídio inferior, o suicídio mesquinho, egoísta, o suicídio do covarde que foge das provações é sempre o da pessoa rude, do vilão, do trabalhador manual, do artesão. E isso contribui bastante para o descrédito do ato.” (MINOIS, 2018, P.49)

Para Nagafuchi; “Quando se nega a dor do outro, incorre-se no risco de negar o outro da própria vida” (NAGAFUCHI, 2019, P.121). Sendo a dor, nesse contexto, uma dor emocional e de cunho existencial, recheada de problemas estruturais e sociais comandados por uma moral crítico-religiosa que instigava o sentimento de culpa, o papel que competia à igreja católica era o de abominar e demonizar o suicídio. Freud em “O Mal Estar na Civilização” (FREUD, 2011, P.70), caracteriza o sentimento de culpa por ser o medo da perda do amor. O catolicismo é tenazmente difundido por, principalmente na inquisição, difundir o sentimento de culpa dentro da fé e política cristã, como forma de conexão com Deus e absolvição dos pecados. Contudo, tal prática apenas corroborou para o que Freud, séculos depois, denominaria como neurose, termo já discutido anteriormente. Portanto, ao não cometerem suicídio, os *laboratores*, ou trabalhadores, estariam submersos em um

¹⁶ Disponível em: <<https://www.historiamedieval.com.br/post/suic%C3%ADdio-na-idade-m%C3%A9dia>>

¹⁷ De origem do latim, “*laboratores*” significa o termo para “trabalhador”. Na Idade Média, o termo servia para caracterizar os camponeses.

¹⁸ De origem do latim, “*Bellatores*” é um termo designado para definir os guerreiros medievais.

¹⁹ Também de origem do latim, “*oratores*” caracterizava o clero. Assim, dentro da Idade Média, o sistema feudal era composto por *laboratores*, *bellatores* e *oratores*.

grade processo de culpa e neurose. Se para Freud o sentimento de culpa é o medo da perda do amor, na Idade Média o cenário de culpa era envolvido pelo medo da não legitimidade, por parte da igreja católica, em reconhecer a vida e o modo de subsistência da população que adoecia em suportar a existência insalubre que levava, com o desejo de morte concreta como forma de paz mental e espiritual. Analisar que durante essa época o catolicismo imperava criticamente no estilo de vida da configuração social é entender que sua moral corroborava para a saúde emocional, mental e física de toda a população. Em síntese, é a vontade de se matar, mas compreender que a conjectura de subsistência dos familiares e pessoas mais próximas dependia da existência desse trabalhador. Já que, com o reconhecimento do suicídio, competia ao estado e a igreja o confisco dos bens e propriedades de quem havia precipitado a própria morte (NAGAFUCHI, 2019, P.110).

“Portanto, inicialmente o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor, por medo dessa perda é preciso evita-lo. Também por causa disso não importa se já fizemos o mal ou se ainda o faremos; em ambos os casos, o perigo só aparece quando a autoridade descobre a coisa, e ela se comportaria do mesmo modo nos dois” (FREUD, 2011, P.70)

Correlacionando os dois autores, Freud e Nagafuchi, ambos apresentam interpretações semelhantes e complementares a respeito do suicídio. Nagafuchi, ao analisar os “tipos” de suicídio e suas respectivas motivações, argumenta que a morte voluntária pelo impulso ou pela raiva exprime um sentimento de fúria e violência que deveria ser destinado, emocionalmente, à outra pessoa. Mas que, com a não possibilidade da concretização desse instinto de impulso e raiva em forma de violência ao outro, o suicídio seria um ato concreto de resposta ao próprio corpo pelos sentidos externos absorvidos das relações sociais (NAGAFUCHI, 2019, P.116). Já para Freud, os impulsos suicidas articulam uma forte teia de neuroses mentais. A punição sobre os próprios corpos seria um desejo de morte a outras pessoas, mas consumado em si mesmo (FREUD, 2011, P. 222). O primeiro argumenta que o suicídio é a raiva de algo ou de alguém, mais precisamente. Já o segundo se dedica em explicar que o suicídio é, nada mais, nada menos, o desejo de morte destinado a outrem.

Ainda, para Freud o instinto de agressão e o instinto de morte se interligam, sendo esse último um resultado negativo da potencialidade da primeira. Ele articula Eros,

deus da mitologia grega, como o princípio de prazer e paixão. De forma que, o prazer e a paixão, em personificação de Eros, estariam na psique humana de maneira não consciente. Para ele, o erotismo e os prazeres teriam uma substância de agressividade, em que essas estariam desenvolvidas positivamente se bem articulados os desejos e os impulsos. O não desenvolvimento sadio desse princípio acabaria por propiciar um instinto de destruição significativo, levando o sujeito à morte concreta. Para ele, essa luta é o conteúdo essencial da vida (FREUD, 2011, P. 68). Assim, pode-se compreender que o instinto de morte é considerado um desequilíbrio dentro da organicidade emocional.

“Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada brevemente como a luta vital da espécie humana” (FREUD, 2011, P. 68)

No âmbito da Antropologia das Emoções, “A emoção nasce da avaliação do acontecimento” (BRETON, 2019, P. 149). Por carecer de informações e de absorver os simbolismos culturais, étnicos e sociais, as subjetividades amplamente respondem aos acontecimentos. A forma pelas quais essas apreenderam a enfrentar o convívio externo é, de modo cirúrgico, interferência e influência de seus valores pessoais. O resultado e a maneira de expressão diante ao material e seus efeitos é uma construção particular que liga o sujeito aos seus primeiros passos de vida e a absorção de conteúdo pela educação de seu meio. Para Breton, a maneira de compreender uma fala, um gesto e até mesmo o silêncio, é fruto do significado particular que se dá a tais eventos. Surge, então, uma emoção experimentada e internalizada diante a apreensão de histórias e convivências rotineiras (BRETON, 2019, P. 149).

Especular e estudar sobre o suicídio, é, portanto, compreender que ele é envolto por uma carga de sentido e de emoção. Sobretudo, analisar que o corpo se torna um espaço de revolta, um palco que é digno de choque social em virtude de seu último ato. Assim, para Breton; “Indicações comportamentais ou ritualísticas marcam a forma e duração da emoção, sua intensidade, suas expressões orais, suas mímicas e gestos de acordo com as situações e os públicos” (BRETON, 2019, P.159). Sendo a raiva e a melancolia emoções dotadas de sentidos, elas conseguem se apropriarem do corpo, conduzido as ações do indivíduo pelo

máximo de tempo possível ao estimular um instinto de destruição, para si mesmo ou outrem.

“Numa mesma sociedade, a cultura afetiva não é imutável, ela é entendida de acordo com a história. O sistema de significados, os valores associados às condutas se modificam e transformam a experimentação e a expressão dos sentimentos e emoções. Isso igualmente ocorre no interior de cada condição social” (BRETON, 2019, P. 167)

Ao tratar sobre a melancolia e seu peso enquanto emoção para os comportamentos de risco, é necessário destacar que o termo só aderiu popularidade a partir de 1265. Mesmo sendo originário da cultura grega, durante a Idade Média foi possível observar seu maior emprego (MINOIS, 2018, P.45). O termo significa “humor negro”, algo digno de problematização na atualidade, já que explicita o espectro negro de diversidade como maneira pejorativa. Com isso, a melancolia intimamente estaria associada ao suicídio por loucura, conforme explicação anterior. Mesmo a igreja católica passando a desenvolver pequeno acolhimento sobre a situação, ao defender que o desamor pela vida significaria loucura e dela sendo uma situação digna de perdão divino ao se tratar de um ato irracional, o suicídio ainda passava a ser uma heresia. Heresia essa de classe social.

“A Idade Média exclui a possibilidade daquilo que se chamará no século XVIII de “suicídio filosófico”. É inconcebível então que uma pessoa de mente saudável possa considerar com frieza que a vida não vale a pena ser vivida. O simples fato de imaginá-lo, sem nenhum motivo particular, é, em si, um sintoma de loucura, de desequilíbrio mental, que começa a ser chamado de “melancolia”. O termo, de origem grega e que significa “humor negro”, designa uma doença física, um excesso de bile negra que ofusca o cérebro e provoca pensamentos sombrios. Brunetto Latini ²⁰é um dos primeiros a empregar o termo na Idade Média, por volta de 1265” (MINOIS, 2019, P.45)

O suicídio de Cleópatra – Uma análise sobre gênero e prestígio social na antiguidade e suas influências na era moderna

Ao longo do tempo, historiadores procuram desmistificar a vida de Cleópatra VII Filopátor. Ou simplesmente Cleópatra, como é mais conhecida. No entanto, se trata de uma grande governante estrategista de inegável inteligência. Foi a última

²⁰ Brunetto Latini foi um chanceler da República de Florença. Além de ser um influente político, poeta e escritor francês.

da dinastia Ptolemaica²¹ a governar o Egito, algo que a fez rainha por mais de vinte anos²². Sua morte também é motivo de pesquisas que, por diferentes fontes, podem apresentar informações distintas: complementares ou contraditórias. De acordo com a crença popular, Cleópatra permitiu ser mordida por uma cobra egípcia. Para os historiadores, entretanto, a rainha cometera suicídio aos trinta e nove anos usando uma pomada tóxica ou um instrumento afiado²³. A causa de seu suicídio pode ser relacionada, dentro desta pesquisa, em dois motivos principais: o suicídio em razão de um rompimento afetivo-amoroso e/ou o suicídio por desespero, sendo este último largamente discutido dentro do escopo teórico da pesquisa.

Ao ver seu amante, Marco Antônio ²⁴, político de Roma (que também cometera suicídio), morto, Cleópatra já se conscientizara que o domínio do Egito estaria sob o poder de Roma²⁵. Sendo assim, se desnorreia a causa de sua atitude em uma ação de desespero, ao não suportar a vida em outro modo de existência contrário aos seus valores e paradigmas e também por ver seu companheiro político e amante afundado, igualmente, no fenômeno do des-nascer (BRETON, 2018).

Para Minois: “A morte feliz do mártir contrasta com a morte desesperada do pecador” (MINOIS, 2018, P. 29). O que ele pretende destacar é a discrepância de tratamento da causa do suicida ao efetivar tamanho ato, por motivos que podem ou não ser considerados justos de benevolência. A tolerância incidiria, conforme exposto anteriormente, a casos considerados como loucura ou em razão de sua classe social (MINOIS, 2018, P.17).

“De todo modo, é um suicídio ligado à função social do nobre: quer se trate de suicídio guerreiro ou amoroso, ele compromete o círculo mais próximo do personagem, diluindo, portanto, a responsabilidade deste último. Gesto social, o suicídio do nobre é, de certa maneira, honroso. O suicídio do homem rude é um gesto isolado, de uma pessoa egoísta e covarde: ele foge de suas responsabilidades, indo se enforçar às escondidas; é motivado

²¹ Disponível em :<<https://canalhistoria.pt/blogue/cleopatra-a-ultima-rainha/#:~:text=Foi%20a%20C3%BA%20ultima%20rainha%20do%20Egito%2C%20pertencente%20C3%A0,possive%20Cle%20C3%B3patra%20VI%2C%20embora%20n%20C3%A3o%20haja%20registro%20dela.>>

²² Disponível em :<<https://brasilecola.uol.com.br/historia/cleopatra.htm>>

²³ Disponível em :<https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_de_Cle%20C3%B3patra> <<https://www.bing.com/videos/search?q=cleopatra+bbc&&view=detail&mid=A83BC90CC9E4FA9B55C0A83BC90CC9E4FA9B55C0&&FORM=VRDGAR>>

²⁴ Disponível em :<https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_Ant%C3%B4nio>

²⁵Disponível em:<<https://www.bing.com/videos/search?q=cleopatra+bbc&&view=detail&mid=A83BC90CC9E4FA9B55C0A83BC90CC9E4FA9B55C0&&FORM=VRDGAR>>

pelo desespero, defeito fatal que lhe é inoculado pelo diabo. O nobre enfrenta suas responsabilidades até a morte gloriosa” (MINOIS, 2018, P.18)

Nesse sentido, o suicídio do nobre seria motivo de “morte gloriosa”, conforme trecho acima apresentado. Longe de todos os julgamentos morais, a escolha pelo suicídio de uma figura em exercício de poder sempre evidenciaria um motivo mais elevado, quase que altruísta. Entende-se, portanto, que o prestígio social contava de maneira significativa para o andamento da investigação de quem havia cometido morte voluntária.

“A proibição de matar é absoluta, salvo em alguns casos estritamente definidos, e se estende à própria pessoa. No entanto, a Antiguidade oferece aos pensadores cristãos exemplos de suicídios heroicos e de posições filosóficas eminentes que justificam esse ato. Na origem das perguntas que o Renascimento irá se fazer sobre o direito ao assassinato de si mesmo existe uma reflexão sobre a prática antiga. Os homens redescobrem, com admiração, o passado greco-romano e seus grandes homens, e não sabem o que fazer diante do suicídio de Aristodemo, Cleômenes, Temístocles, Isócrates, Demóstenes, Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Diógenes, Hegésias, Zenão, Cleanto, Sócrates, Lucrécio, Ápio Cláudio, Crasso, Caio Graco, Mário, Catão, o poeta Lucrécio, Antônio, Cleópatra, Brutus, Cássio, Varo, Pisão, Coceio Nerva, Silano, Sêneca, Calpúrnio Pisão, Otão e muitos outros. Será que a morte voluntária de tantos personagens tão respeitáveis pode ser qualificada indistintamente de covardia que leva à condenação eterna?” (MINOIS, 2018, P. 52)

Cleópatra, com o passar da história, foi motivo de inúmeras investigações e também de enormes julgamentos. Por conta de seu forte poder político de coalização, a governante foi vítima de calúnia ao longo do tempo. Isso se dá por ser reportada, majoritariamente, sobre perspectivas sexistas. Cleópatra ainda é vítima de um forte estigma machista em relação à sua vida íntima. Mesmo com os historiadores mostrando que, ao todo, em sua vida apenas tivera contato físico-afetivo com dois homens; Júlio César (líder e político romano)²⁶ e Marco Antônio, com o advento da modernidade ela foi vítima de hipersexualização que inúmeras figuras públicas, que se identificam do gênero feminino, enfrentam.²⁷

Isso mostra que, em uma cultura explicitamente machista e patriarcal, muitas mulheres, em cargos de poder ou não, são vítimas de um modelo de sociedade estruturado de preconceitos e violência. Modelo esse que possui a capacidade de se desenvolver e reestruturar, levando inúmeras mulheres a adoecerem e

²⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlcio_C%C3%A9sar>

²⁷ Disponível em:

<<https://www.bing.com/videos/search?q=cleopatra+bbc&&view=detail&mid=A83BC90CC9E4FA9B55C0A83BC90CC9E4FA9B55C0&&FORM=VRDGAR>>

desenvolverem distúrbios mentais, propiciando comportamentos de risco e a prática suicida como forma de desaparecimento concreto a dor que essa estrutura às impõem viver.

Em complemento a esse aspecto, trazendo David Le Breton para a trama da fenomenologia do suicídio, é de forma contumaz a importância dos dois conceitos; desaparecer de si e branco. Com eles, se pretende desempenhar o entendimento do suicídio como uma aniquilação completa, um estado de ausência. “Para outros, o suicídio é uma maneira de traduzir a negação de continuar colaborando a esse preço, uma derradeira resistência face à violência experimentada, um desaparecimento radical” (BRETON, 2018, P. 67). Portanto, se para a Antropologia o suicídio se desenrola como uma manifestação comunicativa diante o leque social de desenvolvimento, a ela cabe contribuir para analisar e evidenciar os problemas estruturais que envolvem o ser humano em sua pluralidade de sentidos e sua tomada definitiva sobre esse tema.

“A autonomia coercitiva, que é a do indivíduo, é recheada de tensões interiores, pois, para se tornar um homem ou uma mulher responsável pela própria vida, o indivíduo precisa estrebuchar-se e, além disso, em caso de fracasso, prestar contas aos outros e a si mesmo. Incessantemente ele deve dar provas de suas capacidades de agir por sua própria conta e risco. Nossas posições sociais não nascem por acaso, elas devem ser construídas a partir de referências possíveis. Se a colagem dos sinais identitários pode ser fluida e regozijante para os que possuem alicerces narcisista bem-definidos, para outros ela é um remendo no rasgo, destoante, que provoca medo e defraudação do ser. O indivíduo deve permanentemente construir sua experiência” (BRETON, 2018, P.69)

Infância, adolescência e velhice - A persistência do suicídio como um fator comum: A cultura como tapete às desigualdades de gênero, raça e classe

Estudar sobre o suicídio no prisma da Antropologia é correlacionar diferentes perspectivas e espaços sociais. Evidenciar, portanto, diferentes prismas sobre uma mesma ação é compreender que nos mesmos espaços pode haver perspectivas diferentes sobre as emoções de desespero para o intento da morte voluntária; ou até mesmo perspectivas semelhantes, mas em espaços distintos. Essa complexidade sobre a fenomenologia do suicídio pode ser estudada sobre áreas de diferentes metodologias, opostas entre si ou complementares. Contudo, para a Antropologia, estudar o homem é entender o contexto cultural; biológico ou

físico, social e linguístico que pode influenciar nas formas de vida e convivência da organização de um povo. Com isso, entender o suicídio sobre a intersecção de gênero, raça e classe, principalmente nas sociedades ocidentais, possibilita avaliar o papel de políticas afirmativas que assegurem o direito a instrumentos de acesso à dignidade humana e como a ausência dos mesmos impulsiona a experiências de condutas de risco pelo indivíduo em estado de violência neuronal (HAN, 2017). Assim, nas sociedades ocidentais, o tapete cultural às desigualdades sociais pode tornar-se fator de estudo para Antropologia, já que a mesma analisa as relações existentes dentro das formas de vida.

Sendo o suicídio um fato social comum em diferentes sociedades, compreendê-lo requer atenção e pesquisa. De maneira unânime, o suicídio não é divulgado através das mídias de comunicação, pois se destaca uma preocupação latente sobre sua influência a pessoas que possuem distúrbios mentais ou até mesmo já tentaram se suicidar. Contudo, a divulgação de campanhas que visam o acompanhamento de profissionais da área da saúde para as necessidades psicológicas observáveis tem crescido nos últimos anos. Mas, mesmo assim, é uma via que para muitos ainda não é acessível. No Brasil, para a população ter atendimento gratuito e especializado para casos de distúrbios mentais e acompanhamento psicológico, é através do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Logo após o encaminhamento de um profissional do SUS (Sistema Único de Saúde), o público/o indivíduo é conduzido ao atendimento psicossocial do CAPS mais próximo, com psicólogos atuantes da rede pública²⁸. Cristina Vilela de Carvalho e Lúcia da Silva ²⁹ apontam que:

“(...) Outro aspecto a ser observado é o fato dos psicólogos argumentarem que apesar dos muitos esforços que fazem, é difícil realizar os trabalhos que se propõem, uma vez que os grupos não se mantêm enquanto tal. E uma indagação que fica é: será que pelo menos parte das pessoas que procuram os psicólogos nos serviços de saúde pública, ao invés de trabalho em grupo não necessitavam do atendimento individual? Pode-se inferir que parte do fracasso dessas experiências pode estar relacionada ao fato de que o procedimento foi pautado pelo desejo do psicólogo e não pela necessidade do cliente. Isto, psicologicamente falando, é suficiente para obstruir o trabalho já em sua gênese.” (CARVALHO; SILVA, 1990, P. 21)

²⁸ Disponível em: <[²⁹ Ambas do Departamento de Psicologia da Universidade de Maringá](https://saudeinterior.org/atendimento-psicologico-pelo-sus/#:~:text=O%20atendimento%20psicol%C3%B3gico%20pelo%20SUS%20%C3%A9%20realizado%20atrav%C3%A9s,dar%20suporte%20a%20pessoas%20com%20intenso%20sofrimento%20ps%C3%ADquico.></p></div><div data-bbox=)

Considerando que o artigo em questão apresenta sua data de publicação em 1990, ao longo destes trinta e dois anos houve mudanças na atuação dos profissionais e o acompanhamento com usuários da saúde mental. Em especial, até mesmo a humanização para os acompanhamentos psicológicos foi questionada. Uma vez que, em se tratando de vida e saúde humana o termo “cliente” evidencia uma relação de troca muitas vezes mercantilista e volátil. Passando a aderir-se o termo apropriado de “paciente” ou o de “usuário”, já que o atendimento a outras áreas da saúde também apresenta esse mesmo tratamento de identificação correto. Mesmo havendo relação entre os conceitos de “cliente”, “paciente” e “usuário”, na área da saúde opta-se em evidenciar o lado de paciente e/ou usuário, pois é aquele que busca o atendimento, mesmo que haja uma relação contratual³⁰. Entretanto, para profissionais da saúde mental a escolha é livre na denominação³¹. É sumariamente importante frisar estes pontos, uma vez que se evidencia a luta pela humanização ao atendimento mental e emocional da população. Nesse sentido, questionar as formas de tratamento no vocabulário linguístico também é uma forma de humanizar as trocas comunicativas entre o sujeito e o profissional da saúde.

A problematização presente no trecho do artigo de Carvalho e Silva se expressa na indagação da eficiência do atendimento psicossocial em grupo ou individual. Sendo o atendimento em grupo uma dinâmica de não escolha pelo usuário, a incidência nas ausências poderia carregar uma resposta contra essa forma de trabalho. Várias são as críticas sobre o contexto da atuação dos psicólogos no Brasil desde o processo de redemocratização. Durante o artigo das duas autoras, em: “Atuação de psicólogos na Saúde Pública: dificuldades e possibilidades de trabalhos com grupos”, é estabelecido um conflito de interesses capitalistas e da hegemonia social sobre a órbita do atendimento de saúde pública no país. É o que destacam, ainda:

“(…) Parece possível algumas tentativas de respostas. A primeira delas está na própria crise que atravessa o modo de produção capitalista. No bojo do encaminhamento de sua manutenção, a ideologia do capital traz o pressuposto de não se respeitar o saber acumulado pelos homens através

³⁰ Disponível em: <<https://redehumanizaus.net/60231-usuario-cliente-ou-paciente/#:~:text=Se%2C%20nos%20servi%C3%A7os%20de%20sa%C3%BAde%2C%20o%20paciente%20C3%A9,contratual%2C%20poder%20de%20decis%C3%A3o%20e%20equil%C3%ADbrio%20de%20direitos.>>

³¹ Disponível em: <<https://psico.online/blog/psicologo-tem-paciente-ou-cliente/>>

da ciência, incentivando uma atuação em nível pragmático, individual, de senso comum. Há um descaso para com o conhecimento historicamente organizado. E aqui está a se falar do descaso que é feito a alguns princípios elementares, mas fundamentais, das teorias psicológicas. Concretamente, o que se observa no trabalho de muitos psicólogos é o abandono da ciência. Individualmente, estes profissionais procuram desenvolver práticas inusitadas fazendo esvaziar cada vez mais a ciência psicológica” (CARVALHO; SILVA, 1990, P. 22)

Ou seja, o que se pode observar e compreender, diante da atuação do profissional da área da saúde mental no Brasil, é o contexto da absorção capitalista incessante com interesse no tempo de produção e do resultado de lucro a partir do “serviço prestado” que esse pode lhe proporcionar. Essa praticidade que enfrenta tanto a saúde pública, como a privada (nesse caso, em consideração a saúde pública) é o resultado de uma dinâmica de vida, moldada por um sistema social, político e cultural que está voltado ao trabalho como princípio de energia vital na organização social. Dentro da dinâmica apresentada pelas autoras, respectivamente, Costa e Silva; a atuação do profissional se encontra limitada, uma vez que: “a ideologia do capital traz o pressuposto de não se respeitar o saber acumulado pelos homens através da ciência, incentivando uma atuação em nível pragmático, individual, de senso comum” (COSTA e Silva, 1990). Talvez essa defasagem de conteúdo na abordagem do profissional também desempenhe um fator de desmotivação pelo paciente/usuário em continuar com o acompanhamento mental de que necessita. Aliado, também, à anulação de seu desejo pelo tipo de tratamento que pense ser melhor. Nesse exemplo, o acompanhamento coletivo ou o individual.

Evidenciar as disparidades entre o sistema de saúde público para o particular é uma forma interessante de mostrar que o acesso à saúde privada não é para todos. Em função disso, sobre a qualidade da saúde particular, no que compete a acompanhamento psicológico, ela pode ser considerada também um tabu. Já que, neste contexto, o sistema particular pretende “vender saúde e bem estar”, para a disponibilidade de acompanhamentos e/ou tratamentos qualificados em forma de um “produto”, em que a publicidade invasiva se coloca como uma embalagem para seu conteúdo. A dinâmica, então, se mostra como a venda desse “produto” que busca valor e interesse de mercado. Entretanto, a qualidade nem sempre é assegurada. Segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, as seguradoras de saúde, em 2018, são as que mais apresentaram

reclamações, atingindo o percentual de 23,4% do ano em questão. Ainda, a Agência Nacional de Saúde Suplementar, em 2019, considerou que uma das maiores queixas se deve a ineficácia ao atendimento da rede credenciada, além de uma cobertura incompleta que limita os procedimentos a serem autorizados ³².

Isso só mostra que, mesmo com os problemas apresentados dentro do SUS, a luta e a garantia por um sistema de saúde público e de qualidade é um direito de todos que deve estar em constante observação para melhorias significativas e permanentes. Em 2020, sob a atuação do governo de Jair Messias Bolsonaro, a intenção de vincular as Unidades Básicas de Saúde (UBS) em vínculo a Programas de Parcerias de Investimentos (PPI), que tratam de privatizações, só evidencia ainda mais disputa e a ganância neoliberal sobre a égide de um direito constitucionalmente garantido. Neste sentido, ao que denota Daniel Dourado, pesquisador em saúde pela Universidade de São Paulo (USP), ter “a lógica da iniciativa privada dentro do SUS é inconstitucional” ³³.

Com base nesse quadro de informações, é possível identificar que a busca de profissionais da saúde (no caso, da saúde mental) é um exercício que exige tempo, disposição e força. Principalmente no que se refere em enfrentar uma intransigência de burocracias. A desigualdade está presente na forma como o capitalismo se injeta dentro da esfera administrativa ao acesso e garantia da saúde como um bem humano inalienável. Todos esses processos de mercantilização a um direito humano culminam em inviabilizar o atendimento seguro, eficaz e necessário para pessoas que estão em quadros de distúrbios mentais.

O sentimento de impotência de indivíduos em quadro de depressão, ansiedade, síndrome do pânico e outros distúrbios mentais é um indicativo de atrofia social pulsante dentro das esferas de comunicação e relacionamento. Isolado, sem poder confiar na habilidade de alguém capacitado em remediar seus sintomas, a única alternativa possível a sujeitos em estado de desequilíbrio emocional é o refúgio ao próprio vazio. Diante das desigualdades que as sociedades enfrentam, o papel das políticas governamentais preocupadas em pautas progressistas e de

³² Disponível em: < <https://saude.zelas.com.br/artigos/reclamacoes-planos-de-saude>>

³³ Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/28/bolsonaro-anuncia-revogacao-de-decreto-sobre-privatizacao-de-postos-de-saude-do-sus.ghtml>>

garantias democráticas é o de reverter ou minimizar condutas reacionárias e ultraliberais que impossibilitam uma reparação histórica plena e efetiva para segmentos da população em reflexos de desigualdade.

No espectro da desigualdade de raça, foi formulada, em 2006, pelo Conselho Nacional de Saúde, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Inserida somente em 2009 pelo SUS. Nessa política, a saúde mental da população negra desempenha grande preocupação, já que se configura, dentro das “estratégias de gestão” da Política³⁴ o “fortalecimento da atenção à saúde mental das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos negros, com vistas à qualificação da atenção para o acompanhamento do crescimento, desenvolvimento e envelhecimento e a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social” (Brasil, 2013, P. 28).

“Em sendo um problema para a saúde física e mental da pessoa, esse sofrimento causado pelo racismo passa, necessariamente, a ser um problema de saúde pública. Como tal requer proposições de políticas públicas que garantam o direito a um serviço de saúde mental eficaz direcionado especificamente ao sofrimento da população negra produzido pelo racismo” (DAMASCENO; ZANELLO, 2017, P. 452)

Em 2017, o Ministério da Saúde divulgou que o suicídio é a quarta causa de morte entre jovens. Embora o relatório considere que os homens tenham definitivamente consumado o ato mais do que as mulheres, em 79% das 62.804 mortes diagnósticas de 2011 a 2016, as mulheres apresentam maior reincidência na tentativa de des-nascer (BRETON, 2018). Mais precisamente, as mulheres abrangem 69% dos 48.204 casos de tentativas de suicídio no mesmo período³⁵.

Franz Fanon foi um psiquiatra natural das Antilhas Francesas, colônia francesa da Martinica. Ao estudar sobre as patologias que mulheres negras e homens negros são vítimas em decorrência do círculo social opressivo e racista do qual se encontram, Fanon argumenta que o psicológico de uma pessoa não negra é consideravelmente menos abalado ao de um/uma negro/negra. Para ele, a pessoa ciente de sua negritude enfrenta um constante e doloroso processo psicológico de desconfiança e defensiva diante de seu meio que veementemente se põe majoritário em superioridade e em hierarquia e/ou poder social.

³⁴ Disponível em: <<https://www.saude.ms.gov.br/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-causa-de-morte-entre-jovens/>>

³⁵ Disponível em: <<https://www.saude.ms.gov.br/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-causa-de-morte-entre-jovens/>>

“A família branca é a depositária de uma certa estrutura. A sociedade é efetivamente o conjunto das famílias. A família é uma instituição que prenuncia uma instituição mais ampla: o grupo social ou nacional. Os eixos de referência permanecem os mesmos. A família branca é o lugar em que se é preparado e treinado para uma vida em sociedade. “A estrutura familiar é internalizada no superego e projetada no comportamento político [social, diríamos]”.

O negro, desde que permaneça em sua terra, cumpre mais ou menos a mesma sina da criança branca. Mas, se for à Europa, terá de rever seu destino. Pois o negro na França, em seu próprio país, acabará se sentindo diferente dos outros. Apressadamente se diz: o negro se inferioriza. A verdade é que o inferiorizamos. O jovem antilhano é um francês que a todo momento é chamado a conviver com compatriotas brancos. Mas a família antilhana praticamente não mantém nenhum vínculo com a estrutura nacional, isto é, francesa, europeia. O antilhano deve então escolher entre a sua família e a sociedade europeia; em outras palavras, o indivíduo que galga a sociedade – a branca, a civilizada – tende a rejeitar a família – a negra, a selvagem (...)” (FANON, 2020, P. 164)

Neste trecho, Fanon explica como as relações sociais e de poder exercem peso nas ações, escolhas, falas e pensamentos de pessoas negras em decorrência ao meio o qual estão inseridas. A vivência em ambientes de predominância branca permite por desconsiderar qualquer outra perspectiva de vida e trocas simbólicas no âmbito de trabalho, relacionamento e religião, por exemplo. Na ilustração citada acima, o jovem negro se desloca para conviver com um modelo de sociedade historicamente privilegiado em suas condições de formação e desenvolvimento, lugar esse que, em regra, não respeita e acolhe a(s) diversidade(s). É um grande conflito ético sobre o contexto étnico-racial e como as imposições de uma etnia a outra podem contribuir para a fragilidade de uma consciência emocional para os que dela são atingidos. Os simbolismos e subjetividades culturais enfaticamente são postos a prova de validação. Na atualidade, os movimentos de promoção à igualdade étnico-racial em parceria a políticas públicas de reparação histórica, possibilitam o acesso a espaços negados no Brasil durante os três séculos de escravidão, o que, infelizmente, não erradica a injúria e a discriminação racial. Em valores significativos, há mais tempo da escravatura da população negra no país do que de sua abolição, promulgada somente em 13 de maio de 1888.

Acrescentando a discussão de corpo, espaço e contexto, quando Fanon relata a “experiência vivida do negro” (FANON, 2020, P.127), ele imprime ao leitor essa desconfiança e resistência diária em que passa a população negra em seu “esquema corporal”. Esse estado de espírito provoca sintomas de ansiedade,

depressão e desejo de fuga. A noção do estado de “brancura” que Breton fundamenta, no sentido de buscar a ausência como medida de proteção, é uma alternativa dolorosa, mas de consciência de si dentro do meio, por parte de mulheres negras e homens negros mutilados nessa dinâmica de violência. Evidencia-se, então, o porquê da necessidade, ainda em alusão ao Brasil, da construção da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

“Então nos coube enfrentar o olhar do branco. Um peso fora do comum passou a nos oprimir. O mundo real disputava o nosso espaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa. Ao redor do corpo, reina uma atmosfera de clara incerteza. Eu sei que, se quiser fumar, precisarei esticar o braço direito para alcançar o maço de cigarros que está na outra ponta da mesa. Os fósforos, por sua vez, estão na gaveta da esquerda; precisarei recuar um pouco. E todos esses gestos, eu os faço não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção do meu eu enquanto corpo no interior de um mundo espacial e temporal, parece ser esse o esquema. Ele não se impõe a mim, é em vez disso uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, porque se estabelece uma dialética efetiva entre meu corpo e o mundo” (FANON, 2020, P.127)

Essa estruturação definitiva “do eu e do mundo” que trata Fanon é a estruturação do racismo dentro da comunicação e convivência que o desenvolvimento da vida carece e propicia. É uma estrutura tão amalgamada que adocece e provoca a noção de que por mais que se valham os esforços, qualquer movimento de contestação ainda é lento. Assim, quando Breton destaca a influência do grupo na canalização das emoções, pela convenção de determinada dinâmica de linguagem, significado e significante, o sujeito em meio à multidão pode ser levado a cometer violências ou atos de crueldade. Dentro desse núcleo de pessoas, o sujeito em estado de impulso de violência pode ou não repensar suas falhas, isso se houver uma consciência coletiva do que se considere ou não negativo (BRETON, 2019, P. 206-207).

Dentro disso, em se tratando de dados estatísticos sobre suicídio da população negra, o Núcleo em Ações e Pesquisa em Apoio e Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (NUPAD), divulgou, sobre a cartilha do Ministério da Saúde, que em 2019 o suicídio no Brasil é maior entre adolescentes e jovens negros³⁶. A cartilha apresenta que, em cada dez suicídios na faixa etária de 10 a 29 anos, seis dos casos ocorrem com negros. Destaca-se, ainda, dentro da cartilha, que a

³⁶ Disponível em: < <https://www.nupad.medicina.ufmg.br/suicidio-e-maior-entre-adolescentes-e-jovens-negros/> >

vulnerabilidade psicológica enfrentada por esse grupo em decorrência de discriminação, injúria e racismo culmina no ato de desespero, de fuga concreta.

“O suicídio é a quarta causa de morte entre adolescentes e jovens no Brasil. O fenômeno é complexo, pois pode ser influenciado por diversos fatores, sendo o principal a depressão. Conforme aponta a cartilha “Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016”, divulgada no início deste ano pelo Ministério da Saúde, o sentimento de não pertencimento, de exclusão e de não aceitação de si estão entre os determinantes desse quadro.

Na população negra, esses determinantes podem estar relacionados a questões raciais, como a discriminação racial e invisibilidade social, inclusive, dentro das instituições. E os dados são alarmantes: jovens e adolescentes negros têm 45% mais chances de sofrer com o risco do autoextermínio, de acordo com dados da cartilha referentes a 2016. Entre adolescentes de 10 a 19 anos, o risco de suicídio é 67% maior se comparado às pessoas brancas da mesma faixa etária.” (BRITO, Marcela. Suicídio é maior entre adolescentes e jovens negros. Núcleo em Ações e Pesquisa em Apoio e Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (NUPAD), 2019. Disponível em: <<https://www.nupad.medicina.ufmg.br/suicidio-e-maior-entre-adolescentes-e-jovens-negros/>> Acesso em: 13 de Novembro de 2022)

O artigo: “Violência na infância e adolescência: História Oral de mulheres que tentaram suicídio³⁷”, em autoria correspondente de Cíntia Mesquita Correia, apresenta a violência intrafamiliar na rotina de crianças, jovens e adolescentes como fator considerável para desencadear distúrbios mentais e tentativas de suicídio. Segundo o artigo, um estudo realizado com jovens de uma escola municipal de Araçatuba revela que, dos 870 menores pesquisados, 277 foram vítimas de violência, em que os pais e/ou responsáveis são configurados como os principais agressores, ocupando a margem de 58,4% dos casos³⁸. Para Mesquita, a violência intrafamiliar desencadeia comportamentos de risco, como: alcoolismo e uso de drogas com um conjunto de sintomas de estresse pós-traumático, depressão e comportamento suicida (CORREIA; GOMES; DINIZ; ANDRADE; ROMANO; RODRIGUES, 2017, P. 1526). A rejeição é um dos temas posto em evidência ao longo do estudo sobre violência e tentativa de suicídio. Na relação entre filhos e pais e/ou responsáveis, a pesquisa mostra o sentimento de inutilidade por parte de algumas mulheres por crescerem em lares disfuncionais e tóxicos. A maioria das colaboradoras entrevistadas no artigo ocupa a faixa etária de 27 a 57 anos, de maioria negra e com baixa escolaridade.

³⁷ Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/jcwV7hmJjkw5JfRT69GXsFg/?lang=en>>

³⁸ Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/10122>>

“Agrava-se a não creditação do sofrimento do indivíduo, sinalizada pela fala “minha mãe nem ligava e ainda dizia que era para eu me matar mesmo”, sugerindo a não compreensão do processo de adoecimento mental, situação que pode aumentar o risco para as tentativas de suicídio e/ou sua consumação. Cabe salientar a significância da figura materna e paterna para o indivíduo em formação no processo de interação com o outro e com o meio social. Na infância, a formação das lembranças se constitui elemento essencial na construção da identidade e da percepção de si e dos outros” (CORREIA; GOMES; DINIZ; ANDRADE; ROMANO; RODRIGUES, 2017, P.1529)

Após coleta de relatos dessas mulheres e a evidência de violência intrafamiliar, no exemplo exposto a mulher relata um sentimento de não acolhimento mediante sua figura materna ao menosprezar o seu descontentamento diante da vida. A humilhação, a violência psicológica, moral, física e institucional são comportamentos que, lamentavelmente, estão presentes em todas as fases da vida, principalmente mediante as desigualdades de raça e classe, exposta ao longo do artigo. Em razão disso, a prática do suicídio e tentativas de suicídio por parte de mulheres idosas, no Brasil, também é um dado alarmante. Em consideração às mesmas premissas de humilhação e rejeição, essas mulheres decidem estar em estado de ausência total. Outras por problemas financeiros, em virtude de uma vida dedicada à família e com baixa escolaridade, elas não encontram oportunidades formais e/ou dignas de se sustentarem e sustentarem os seus próximos, no caso das chefes de família. Na pesquisa de Stela Nazareth Meneghel, Rosylane Moura, Lilian Zielke Hesler e Denise Machado Duran Gutierrez: “Tentativa de suicídio em mulheres idosas – uma pesquisa de gênero”, é apontado que: “Um terço das idosas brasileiras ouvidas nesta pesquisa e que tentaram suicidar-se é analfabeta” (MENEGHEL; MOURA; HESLER; GUTIERREZ, 2015, P. 1725). Para as autoras, a desigualdade presente na atribuição de papéis específicos de gênero, e sua respectiva naturalização por parte da sociedade, expõe as mulheres a situações consideráveis de violência, ocorrendo tal processo desde a socialização das meninas, durante a infância, a uma educação diferenciada de gênero. Ocasionalmente, na vida adulta a uma divisão sexual do trabalho (Ibidem, 2015, P. 1724). Fora o sentimento de culpa que grande parte dessas mulheres carregam por vivenciarem situações conflituosas dentro do casamento, com situações recorrentes de ciúmes e violência.

“Na vida adulta das mulheres ainda é comum o desempenho de papéis de gênero tradicionais que incluem a responsabilidade pela manutenção do casamento, pelo cuidado da casa e dos filhos. O casamento e a maternidade são destino obrigatório para muitas, e foram também para as idosas aqui entrevistadas. Na vida marital, essas mulheres enfrentaram

adversidades econômicas, ocupando-se, muitas vezes solitariamente, do cuidado da casa, dos filhos, dos maridos e de familiares. *Fiquei muito aperreada sem meu marido, sem aconchego, os filhos tudo pequeno para eu criar, com bem pouquinho dinheiro.*

O contrato conjugal em sociedades onde é vigente a desigualdade entre os sexos, significa que as mulheres dispõem de menos poder que os homens e que é comum o uso da violência e da medicalização para mantê-las controladas e para fazê-las aceitar as desigualdades. Porém, as violências perpetradas no âmbito conjugal produzem efeitos físicos, psicológicos, sociais e podem culminar com o suicídio.” (MENEGHEL; MOURA; HESLER; GUTIERREZ, 2015, P. 1726)

Assim, para Stela Meneghel e Lilian Hesler, o suicídio por parte das mulheres é uma situação limite. Sobre as mesmas autoras, com a participação de outras autoras e autores, em artigo diferente e complementar: “Suicídio de mulheres: Uma situação limite?”³⁹, discute-se sobre a gravidade e o peso da recorrência de conflitos sociais e interpessoais que propiciam dores e desgastes emocionais. Conforme discutido anteriormente e, em correlação ao artigo, o isolamento social em decorrência da carência de recursos e meios paliativos é uma medida de autoproteção frente a uma sobrecarga de fatores externos que causam o adoecimento emocional (MENEGHEL; HESLER; CECCON; TRINDADE; PEREIRA, 2013, P. 212-213). Outro dado relevante sobre a violência de gênero relacionado aos dados de suicídio se deve, ao que o artigo configura, às mulheres que “não exercem sexualidades convencionais”, como é o caso das travestis, mulheres transexuais e lésbicas (Ibidem, 2013, P. 212-213).

“Quanto mais escondemos os suicídios concretos, mais falamos do suicídio abstrato, um sinal de que a morte voluntária continua incomodando (...). As ciências humanas e a medicina tentam explicar esse comportamento desconcertante e intrigante. O suicídio horroriza, ao mesmo tempo que continua sendo a solução definitiva ao alcance de todos, que nenhuma lei, nenhum poder no mundo consegue proibir” (MINOIS, 2018, P. 400)

A passagem de Georges Minois serve de ilustração para o entendimento de que o suicídio é um fato social que ultrapassa séculos. Mas que, mesmo com a tona da discussão científica sobre o assunto no limiar do final do século XIX para o XX, tratar sobre casos de suicídio dentro dos recortes sociais ainda é considerar um tabu e evidenciar sobre os preconceitos estigmatizados diante do resultado de uma ideiação cocluída. Durante a pandemia do Covid-19, de acordo com a Folha de São Paulo, as taxas de suicídio aumentaram entre mulheres e idosos. O estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) compara os dados pelo DataSUS, que

³⁹ Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53728035013>>

registravam, em 2020, 11.334 casos no total em comparação a uma média regressiva de dez anos⁴⁰. Entretanto, quando trata-se de números absolutos, a população masculina ultrapassa às mulheres em número de mortes em quase quatro vezes. O psicólogo Felipe Ornell, pesquisador do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, considera que o número de suicídios de mulheres durante a pandemia deve-se a sobrecarga com os trabalhos do lar, junto ao cuidado dos filhos e com o trabalho em home office, já que as medidas de proteção mediante a crise sanitária exigiam o isolamento para a não contaminação e propagação do vírus. Ainda, ele elenca a violência dentro dos lares, em que as mulheres sofriam emocionalmente e fisicamente pelos abusos cometidos por seus companheiros. Em relação aos idosos, o psicólogo suspeita de que por ser uma parcela que, em razão da faixa etária, está mais sujeita à reclusão social, a pandemia fez com que o sentimento de solidão e desespero se apoderasse, culminando em um isolamento ainda mais restritivo.

Em se tratando do Brasil, durante os últimos 20 anos o país apresentou uma elevação no número de casos de suicídio. A cada hora, segundo o DataSUS, mais de um caso é confirmado, subindo um número que antes totalizava a marca de 7 mil para 14 mil casos de suicídio notificados. Segundo a divulgação, ainda, o número é maior do que mortes por acidente de moto dentro do mesmo período analisado⁴¹. Na ciência do ambiente de distúrbios mentais, desequilíbrios emocionais, perda de sentido e significado diante da vida, prova-se, novamente, que desaparecer de si é uma tentação presente em épocas e contextos diferentes. O desaparecimento de si e o estado de “brancura” são pedidos de ajuda, mesmo que, por parte de quem resolva desaparecer, não se tenha consciência disso. Entretanto, o suicídio é um fato concreto sem volta, sem tempo de remediar o que poderia ser consertado. O suicídio é, portanto, um nível do “desaparecer de si” sujeito a dramas e julgamentos. Mesmo com uma perspectiva de humanização sobre o tema, dentro de debates sobre a corporeidade: sobre os sentidos, as emoções e os sentimentos; ainda enfrenta-se rescaldos incrustados de uma moral religiosa e social que penaliza e impõe o preceito de pecado, como forma autoritária de inibição e medo diante do fenômeno do suicídio (MINOIS, 2018, P. 396-399).

⁴⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/09/aumenta-taxa-de-suicidio-entre-mulheres-e-idosos-durante-pandemia-de-covid.shtml>>

⁴¹ Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/mortes-por-suicidio-no-brasil-superam-acidentes-de-moto/>>

“A adolescência e a velhice são momentos em que o continuar consequente consigo mesmo esbarra em muitos obstáculos dentro e fora do próprio indivíduo, momentos de fadiga nos quais urge assumir o próprio personagem, mas que igualmente convidam a deixar-se levar para libertar-se das tensões” (BRETON, 2018, P. 198-199)

Assim, á guisa de compreender o suicídio como um fenômeno comum dentro das sociedades; presente dentro de grupos culturais e etários distintos, urge a necessidade de mostrar a potencialidade do poder estrutural e suas ramificações, através de núcleos específicos e complexos aos quais o contingente populacional insere-se. Para Freud, tratar sobre personalidade é evidenciar as identificações construídas pelo sujeito e o que ele compreende como ideal e/ou modelo de ser; em que sua personalidade será desenvolvida dentro de imagens, técnicas, costumes e gostos aos quais sentir-se mais identificado. “Cada indivíduo participa de muitas psiques de massa, a de sua raça, sua classe, sua comunidade religiosa, seu Estado etc” (FREUD, 2013, P. 140). Após a discussão do capítulo, é possível analisar o quão esse fenômeno é abrangente, sendo um problema social e de saúde pública. Nisso, as massas e suas particularidades envolvem-se dentro de uma trama simbólica que capacita o indivíduo para o autoconhecimento ou não, através de oportunidades ou inibições significativas que o capacitariam para sua construção pessoal. De forma alguma que o contexto em que a pessoa com comportamento de risco ou potencial suicida seja somente repressivo e estrangulador em objetivo proposital, muitos reproduzem convenções e estigmas sem ao menos se darem conta disso. Para Breton, a identidade é relevante para reflexão de cada indivíduo e de suas sociedades (BRETON, 2018, P.11). Sendo assim, o questionamento acerca de seus interesses e predileções se faz relevante, uma vez que o compõe dentro de uma paleta comportamental afirmativa. Portanto, como alternativa inicial, cabe à promoção da discussão sobre distúrbios emocionais e mentais e como os mesmos, já calejados, propiciam a aniquilação total; resultando em um estado de brancura e desaparecimento de si concretos. Em segundo plano, traçar metas políticas de auxílio médico que viabilizem meios seguros e de acolhimento para a população, já que a mesma compõe a vida coletiva e sua plena atividade é reconhecida. O acesso a tais meios terá, como resultado, uma vida mais digna, plausível dentro das diferentes áreas que a existência impõe. Bem como, por fim, ressaltar a relevância do pensamento crítico e de como a Antropologia trabalha com a concepção humana e sua diversidade, contribuindo para transgressão de paradigmas retrógrados e

desconexos. Se mostrando, de certa forma, grande aliada de outras áreas do conhecimento. Como, no caso, a psicanálise. Tamanha aliança evidenciará uma discussão entre as Ciências Sociais e a área da saúde, em que ambas notadamente interligam-se para benefício comunitário.

Conclusão

A presente pesquisa empenhou-se em compreender o fenômeno do desaparecimento de si e da morte voluntária como fatos sociais comuns e recorrentes, a partir de contextos culturais e de dinâmicas sociais complexas e ao mesmo tempo interligadas. Com a metodologia bibliográfica exploratória, foi possível descortinar teorias e pensamentos que se mostram complementares, propiciando um trabalho mais enriquecedor na busca em analisar o tema dentro da interseccionalidade de raça, classe e gênero. Para se atingir o entendimento do objetivo geral, definiu-se quatro objetivos específicos. O primeiro: “Evidenciar a dor emocional como um fenômeno recorrente na atualidade com consequência ao desaparecer de si, em busca de não ser atingido pelas inúmeras violências presentes na comunicação em sociedade”; verificou-se, através do segundo capítulo, as predisposições externas que capacitam mulheres e homens, jovens e idosos, brancos e negros a dor emocional e como o desaparecimento se torna uma medida de “pausa” ante os esgotamentos. Em seguida: “Tratar sobre identidade no prisma da interseccionalidade para compreensão de como o externo pode padronizar modelos de tratamento a diferentes grupos sociais”; a análise mostrou recortes interseccionais, evidenciando as mazelas e tragédias histórico-culturais aos trabalhadores sem formação, mulheres, homens negros e mulheres negras. Concluindo que esses corpos possuem mais predisposições de tratamentos violentos e represálias, dificultando sua maneira de viver e subsistir. Depois: “Analisar o suicídio como um fato social presente em diferentes sociedades em consequência aos estigmas, preconceitos e falta de acesso a uma qualidade de vida plena”, com o apoio de autores como Georges Minois e Thiago Nagafuchi, evidenciou-se as injustiças acometidas com os grupos sociais abordados ao longo do segundo objetivo geral, de forma que a regressão histórica do primeiro autor permitiu trabalhar a Antropologia do Devir e o conceito de suicídio como ato comunicativo. No último objetivo específico: “Dramatizar sobre a inevitabilidade de dor e sofrimento ser inerente à vida antes mesmo de conhecê-la”, permitiu identificar

que tais emoções são humanas e fazem parte da formação pessoal e contexto de cada um e cada uma em seu corpo como rascunho, partindo para a atenção aos distúrbios emocionais e mentais que possam acometer o corpo bem como comportamentos de risco e tentativas suicidas. Com isso, a hipótese do trabalho de que a Antropologia permite estudar conceitos emocionais dentro de diferentes culturas, através de seus próprios instrumentos, confirmou-se. Através da utilização do autor base da pesquisa, David Le Breton, foi possível compreender as cargas somáticas das quais o corpo humano vem absorvendo com o passar das décadas e como seu esgotamento físico, mental e emocional se tornaram sintomas sociais, atingindo números expressivos e de maneira cada vez mais rápida. Sendo assim, estudando o Brasil como recorte cultural ante ao problema do suicídio e sua frequência de casos, bem como a inacessibilidade a tratamentos próprios e qualificados para distúrbios emocionais e mentais, o resultado ao problema de pesquisa incide em responder se os fatores emocionais provocados pela dinâmica cultural moderna estimulam comportamentos de risco e tentativas suicidas. Sim, através dos dados coletados ao longo do trabalho foi possível evidenciar as taxas de suicídio para diferentes corpos, diferentes indivíduos. Bem como os relatos estudados, através de artigos mencionados, permite avaliar a fluidez dos comportamentos de risco. Assim, os instrumentos de coleta de dados permitiram uma avaliação completa acerca do tema de pesquisa. Em pesquisas futuras, pode-se trabalhar sobre as influências culturais dentro do Brasil e como as mesmas adaptam-se dentro dessa interseccionalidade, no sentido de ressaltar a importância cultural no âmbito das emoções e expressões sociais. E para além do Brasil, outras sociedades merecem ser analisadas sobre essa tonante.

REFERÊNCIAS:

BRETON, David. Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea. Petrópolis: Editora vozes, 2018

BRETON, David. Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade. Campinas: Editora Papyrus, 2013.

BRETON, David. Antropologia das Emoções. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BRETON, David. Antropologia da Dor. São Paulo: Editora Unifesp, 2013.

BRETON, David. Antropologia dos Sentidos. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

David Le Breton, sociólogo, antropólogo e psicólogo: "As condutas de risco são um chamado à vida". O Globo, 25/03/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/david-le-breton-sociologo-antropologo-psicologo-as-condutas-de-risco-sao-um-chamado-vida-18902734>> Acesso em: Outubro 2022

INSEP, David Le BRETON, integral. YouTube, 15/11/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QvYr4rMjb0U> > Acesso em: Março 2022

TV Puc Rio, David Le Breton interpreta os sentidos do corpo. YouTube, 11/03/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JviC2DjTk4A> > Acesso em: Março 2022

Leticia R. Teixeira e Silva, David Le Breton palestra sobre "o paradigma da corporeidade na contemporaneidade" (parte 1). YouTube, 10/03/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p8jHldxIRfg>> Acesso em: Março 2022

UnBTV, Diálogos: Antropologia da dor é tema de livro. YouTube, 28/08/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PyKEKmewKsk>> Acesso em: Março 2022

UnBTV, Diálogos: Le Breton reflete sobre estudos do corpo. YouTube, 15/03/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vg7t4wfb3_g> Acesso em: Março 2022

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Editora Penguin & Companhia das Letras, 2011.

- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Porto Alegre: Editora L&PM Editores, 2013.
- FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e análise do eu. Porto Alegre: Editora L&PM Editores, 2013
- MINOIS, Georges. História do Suicídio. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- HAN, Byung- Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.
- COHN, Clarice. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.
- OLIVEIRA, Assis da Costa. O que a Antropologia da criança pode fazer pela construção intercultural dos direitos das crianças no Brasil?. Revista Antropologia da UFSCAR. Volume 11, Número 1, Janeiro - Junho, 2019. Disponível em: <<http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/10/14.pdf>>. Acesso em: Maio 2022.
- PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia?. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 137-157, julho/dezembro. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200007>>. Acesso em: Abril 2022.
- NAGAFUCHI, Thiago. Um olhar Antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades. Dossiê. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p-101-124, jan/jun. 2019.
- CORREIA, C. et.al. Violência na infância e adolescência: história oral de mulheres que tentaram suicídio. Revista Brasileira de Enfermagem. Salvador. p.1525-1532, mar/2019.
- MENEGHEL, S. et.al. Suicídio de Mulheres: Uma situação limite?. *Athenea Digital*. Rio Grande do Sul. 13 (2), 207-217. 2013.
- MENEGHEL, S. et. Al. Tentativa de suicídio em mulheres idosas - uma perspectiva de gênero. Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. p. 1721-1730. 2015.

COLLUCI, Cláudia. Aumenta taxa de suicídio entre mulheres e idosos durante pandemia de Covid. Folha, 14 set.2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/09/aumenta-taxa-de-suicidio-entre-mulheres-e-idosos-durante-pandemia-de-covid.shtml>> . Acesso em: 26 set. 2022.

PAVAN, Bruno. Mortes por suicídio no Brasil superam acidentes de moto. Istoé Dinheiro, 23 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/mortes-por-suicidio-no-brasil-superam-acidentes-de-moto/>> . Acesso em: 26 set. 2022.

BRITO, Marcela. Suicídio é maior entre adolescentes e jovens negros. NUPAD, 21 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.nupad.medicina.ufmg.br/suicidio-e-maior-entre-adolescentes-e-jovens-negros/>> . Acesso em: 28 set. 2022.

GOIS, Deisi. Maiores reclamações de plano de saúde, segundo a ANS. Zelas Saúde, 10 nov. 2020. Disponível em: <<https://saude.zelas.com.br/artigos/reclamacoes-planos-de-saude>>. Acesso em: 30 set. 2022.

CARNIER, Alex. Atendimento psicológico pelo SUS: saiba como obter ajuda pelo Sistema Único de Saúde. Saúde interior. Disponível em: <<https://saudeinterior.org/atendimento-psicologico-pelosus/#:~:text=O%20atendimento%20psicol%C3%B3gico%20pelo%20SUS%20%C3%A9%20realizado%20atrav%C3%A9s,dar%20suporte%20a%20pessoas%20com%20intenso%20sofrimento%20ps%C3%ADquico>>. Acesso em: 30 set. 2022.

JÚLIO CÉSAR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=J%C3%BAlcio_C%C3%A9sar&oldid=64777115>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MORTE DE CLEÓPATRA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Morte_de_Cle%C3%B3patra&oldid=64334062>. Acesso em: 3 set. 2022.

MARCO ANTÔNIO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Marco_Ant%C3%B4nio&oldid=64866998>
. Acesso em: 7 dez. 2022.

SILVA, Daniel. Cleópatra: a última rainha do Egito. Brasil Escola. Disponível em:
<<https://brasilecola.uol.com.br/historia/cleopatra.htm>> . Acesso em: 01 out. 2022

ALVARENGA, Laura. AUXÍLIO BRASIL de R\$ 600 NÃO paga valor da cesta básica para 2,4 MILHÕES de famílias. FDR, 20 set. 2022. Disponível em:
<<https://fdr.com.br/2022/09/20/auxilio-brasil-de-r-600-nao-paga-valor-da-cesta-basica-para-24-milhoes-de-familias/>> . Acesso em 30 set. 2022.

Canal História. Disponível em: <<https://canalhistoria.pt/blogue/cleopatra-a-ultima-rainha/#:~:text=Foi%20a%20%C3%BAltima%20rainha%20do%20Egito%2C%20pertencente>>. Acesso em 6 de set. 2022.

ROCHA, Lucas. Pesquisas apontam aumento nos casos de depressão no Brasil. CNN, 26 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pesquisas-apontam-aumento-nos-casos-de-depressao-no-brasil/>> . Acesso em 3 de set. 2022.

Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a OMS. EXAME, 05 jun.2019. Disponível em: < <https://exame.com/ciencia/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms/> > Acesso em: 2 nov. 2022

Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante pandemia. Fiocruz Brasília, 13 ago.2019. Disponível em <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/> > Acesso em: 2 nov.2022

Janeiro Branco: Brasil está entre os países com maior número de casos de depressão e ansiedade. Samp, primeiro você. 18 jan. 2021. Disponível em:
<<https://www2.samp.com.br/fique-por-dentro/noticias/janeiro-branco-brasil-esta-entre-os-paises-com-maior-numero-de-casos-de-depressao-e-ansiedade.htm> >
Acesso em: 2 nov. 2022

CERES, Víctora ; COELHO, Maria Claudia. A Antropologia das Emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 7 – 21, maio/agosto. 2019. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ha/a/HCLwVxYkWf7CjJcxm7sq3Ks/?lang=pt> > . Acesso em: Março 2022